

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

CHRISTIANNE CASTANHEIRA INGLÊS DE SOUSA

BORGES CAMINHA PELA CIDADE PARA RECORDAR

Florianópolis
2016

CHRISTIANNE CASTANHEIRA INGLÊS DE SOUSA

BORGES CAMINHA PELA CIDADE PARA RECORDAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do grau de
Bacharel em Letras-Português sob a orientação
do professor Claudio Celso Alano da Cruz.

Florianópolis
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS



“Borges caminha pela cidade para recordar”

Christiane Inglês de Sousa

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi julgado adequado para obtenção do título de

BACHAREL EM LETRAS

e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras - Habilitação
Bacharelado em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa
da UFSC.

Banca Examinadora:


Prof. Claudio Celso Alano da Cruz
Orientador e Presidente da Banca

Prof. Luciana Rassier
Membro Titular



Prof. Anderson da Costa
Membro Titular



Campus Universitário - Trindade - Florianópolis
Fone: 3721-9293 FAX: 3721-9817

Aos meus filhos, Fernando e Carolina

AGRADECIMENTOS

Ao Claudio Cruz, por ter me apresentado aos textos de Jorge Luis Borges e pela orientação cuidadosa e precisa ao longo de toda a pesquisa.

Ao Dennis Radünz, pelas longas conversas sobre vida e literatura nos corredores do CCE/UFSC, numa das quais se delineou o tema para este trabalho.

À Rosie Kiehl Noronha, pela valiosa contribuição na tradução dos textos.

“... porque a recordação, a memória, costuma ser
um artífice de magias”

Jorge Luis Borges

RESUMO

Há um tema recorrente nos textos de Jorge Luis Borges e mais especificamente naqueles que versam sobre o subúrbio portenho: o da recordação. São inúmeras as passagens, seja na poesia, seja na prosa, em que Borges se refere às lembranças originadas de suas andanças pelo subúrbio de Buenos Aires. Enquanto caminha com amigos pelas ruas de Palermo, Villa Urquiza, Balvanera, Borges busca a memória de um passado que as *orillas* ainda preservam nas ruelas, nas casinhas sossegadas, nos poentes indizíveis. Diante da paisagem do arrabalde das décadas de 1920 e 1930 – reconfigurada pela chegada de novas tecnologias de produção – e arrebatado pelas conversas com amigos, Borges entrega-se ao ato de recordar. Além da possibilidade de preservar a memória de um espaço geográfico que se transforma a cada dia, recordar, para Borges, tem uma significação particular, que reside no ato de recordar em si mesmo. A busca da lembrança importa tanto quanto a própria lembrança. A arquitetura do arrabalde oferece a atmosfera ideal para que as recordações possam emergir. É a partir da perspectiva da busca por recordações durante as caminhadas pelo subúrbio portenho – muitas delas em presença dos amigos –, que procuro conhecer o sujeito autobiográfico Jorge Luis Borges.

Palavras-chave: Jorge Luis Borges. Recordações. Amigos. Caminhadas. Buenos Aires.

ABSTRACT

There is a recurring theme in Jorge Luis Borges' texts, and more specifically, in those that deal with the suburbs of Buenos Aires: memories. There are numerous passages, whether in poetry, whether in prose, in which Borges refers to memories originated from his travels across the suburbs of Buenos Aires. While walking with friends through the streets of Palermo, Villa Urquiza, Balvanera, Borges searches for memories of a past that still preserves *orillas* along the streets, the quiet little houses, in indescribable sunsets. Contemplating the scenic outskirts from the 1920s and 1930s – reshaped by the arrival of new production technologies – and caught by conversations with friends, Borges immerses himself in memories. Besides the possibility of preserving memories of a geographic space that changes every day, according to Borges, remembering possesses a particular meaning, which lies upon remembering from within himself. The pursuit of memories matters as much as the memory itself. The suburbia architecture is the ideal atmosphere for memories to emerge. It is from the perspective of searching memories during walks across the suburbs of Buenos Aires – many of them accompanied by friends – that I intend to know a bit more about Jorge Luis Borges, an autobiographical character.

Key words: Jorge Luis Borges. Memories. Friends. Walks. Buenos Aires.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 ESTRUTURA DA PESQUISA.....	13
2 O ESPAÇO BIOGRÁFICO	17
2.1 O AUTOBIOGRÁFICO.....	19
2.2 AUTOBIOGRAFIA X FICÇÃO.....	21
3 UM RECORTE NA TEORIA DA MEMÓRIA: BERGSON E RICOEUR	22
4 OS AMIGOS	25
4.1 <i>BORGES BUENOS AIRES</i> – ULYSES PETIT DE MURAT.....	25
4.2 <i>BORGES</i> – CARLOS MASTRONARDI.....	27
4.3 <i>BORGES</i> – ADOLFO BIOY CASARES.....	29
5 ENSAIO AUTOBIOGRÁFICO	32
6 BORGES, OS AMIGOS, AS CAMINHADAS, AS RECORDAÇÕES	40
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Bioy Casares, Ulyses Petit de Murat e Carlos Mastronardi foram amigos muito próximos a Borges; cada qual publicou um livro sobre o autor. Tomando-se por base os livros dos três autores, destacam-se as inúmeras referências feitas às caminhadas de Borges com amigos literatos pelas ruas do subúrbio portenho, entre conversas e recordações:

Caminhávamos com Borges por um bairro de quintas, em Mar del Plata, e de repente senti um odor que me comoveu. Borges me disse que as recordações que mais nos emocionam são as de odores e gostos, porque geralmente estão rodeadas pelos mistérios do esquecimento: deve-se sentir o mesmo odor para recordar um odor, deve-se sentir o mesmo gosto para recordar um gosto [...]. Com que emoção voltamos a sentir o mesmo odor que havíamos sentido pela última vez em tempos distantes, em lugares aos quais nunca voltaremos.¹ (CASARES, 2011, p. 7, tradução nossa²).

O *Ensaio autobiográfico* (2009), de Borges, também dá considerável destaque ao tema da amizade e do subúrbio portenho, e muitos de seus poemas, notadamente aqueles que constam do livro *Fervor de Buenos Aires* (1923), aludem a *tantos recuerdos compartidos* num sem-número de *caminatas por las orillas de Buenos Aires*. Numa passagem de *Borges* (2007), Mastronardi cita o amigo portenho, segundo o qual “amanhã não haverá mais que lembranças” (2007, p. 72). Se a memória é, de acordo com Bergson, “a conservação do espírito pelo espírito” (*apud* BOSI, 2003, p. 52), entregar-se ao ato de recordar proporciona uma experiência de espírito no sentido pleno. Aquele que recorda volta-se para o tempo passado, para as memórias, para a sua história.

Este trabalho propõe-se a estabelecer uma aproximação entre a amizade, as caminhadas e as recordações, no contexto considerado. Ao voltar-se para essas “ações”, Borges desvincula-se do propósito utilitário da ação presente que visa ao futuro; predisponha-se a uma experiência plena, conforme será visto adiante.

Nos textos autobiográficos, o autor assume determinada perspectiva sobre sua vida, inscrevendo-se em sua narrativa a partir de escolhas. Ele não pode colocar sua vida inteira

¹ “Caminábamos con Borges por un barrio de quintas, en Mar del Plata, y de pronto sentí un olor que me conmovió. Borges me dijo que los recuerdos que más nos emocionan son los de olores y gustos, porque suelen estar rodeados de abismos de olvido: hay que oler el mismo olor para recordar un olor, hay que sentir el mismo gusto para recordar un gusto [...]. ¡Con qué emoción volvemos a oler el mismo olor que por última vez oímos en tiempos lejanos, en lugares a los que nunca volveremos!”

² Todos os textos em espanhol citados neste trabalho têm tradução nossa. As formas originais encontram-se transcritas em notas de rodapé.

num papel, por isso faz um recorte. Essas escolhas configuram o sujeito biográfico. Segundo Arfuch (2010, p. 80), o sujeito é constitutivamente incompleto, de maneira que não podemos falar em uma identidade, mas em múltiplas possibilidades de identificação. É a identidade “única” que não conseguimos constituir na vida que a narrativa biográfica visa configurar.

À luz do *Ensaio autobiográfico* com o cruzamento dos três textos sobre Borges (o de Casares, o de Mastronardi e o de Petit de Murat), procurou-se compreender melhor o sujeito biográfico Jorge Luis Borges, pondo em perspectiva essa busca por recordações que ecoa nos textos e o valor que Borges atribuía às amizades.

No conto “Funes, o memorioso”, de Borges, o personagem central, Ireneo Funes, dotado de uma memória prodigiosa, é capaz de lembrar tudo aquilo que vive ou presencia em todos os seus pormenores. Sua memória retém os mínimos detalhes de um acontecimento. Funes leva exatamente um dia para relembrar determinado dia de sua vida, já que os eventos rememorados desenrolam-se por inteiro, no mesmo decurso de tempo que os eventos originais. Supondo que pudesse haver alguém com uma memória como a de Funes, capaz de uma apreensão completa da realidade vivida e de um armazenamento ilimitado, os acontecimentos retidos na memória seriam apenas reproduções instantâneas do real e, por isso, insignificantes. De acordo com Santos,

... rechaça-se a memória estéril, que amontoa recordações sem nada acrescentar, como a da personagem Ireneo Funes do conto “Funes, el memorioso”. Funes possui uma memória que não cria, é uma memória repetidora que vê o mundo tal como ele é, não o revela. Ao remeter-se ao modelo, não acrescenta nada, apenas o repete de maneira igual; numa repetição que não admite cortes ou figuras novas. Uma memória assim multiplica inutilmente a realidade. (2005, p. 2-3).

Se um sujeito somente pudesse reproduzir mecanicamente os acontecimentos de sua realidade tal qual ela é, ele não estaria atribuindo-lhes significados. Não os interpretaria, não se subjetivaria; estaria remetendo tão somente à realidade que o circunda. As lembranças, como se verá adiante, ocorrem de acordo com certa hierarquia. Há algumas que são mais representativas para o sujeito do que outras e por isso têm maior *status*. A memória é seletiva e só pode operar a partir do esquecimento. Ricoeur (2007), com base num estudo sobre a epistemologia da memória, menciona dois tipos de lembrança: as que vêm como afecção, independentemente da vontade de lembrar, e as que vêm do esforço do sujeito, que são normalmente chamadas de recordações. Segundo Bergson, a recordação, considerada a lembrança verdadeira, “volta ao espírito com individualidade própria” (2010, p. 86). Mas toda

e qualquer forma de lembrança só pode “voltar ao espírito” se foi esquecida em algum momento. É preciso esquecer para poder lembrar.³ Se Funes não esquece nenhum instante de sua vida, não é possível falar em lembrança.

Segundo Bergson, é impossível ao discurso de ideias “exprimir a intuição do tempo” mediante seus códigos linguísticos (*apud* BOSI, 2003, p. 47). Enquanto a linguagem referencial transmite informações objetivas da realidade, as imagens da lembrança de um determinado evento localizado num momento passado, quando emergem através da memória, trazem consigo as marcas temporais a partir das quais se pode vislumbrar a dimensão daquele tempo passado. É a partir das memórias que se tem a percepção do tempo passado.

A hipótese principal deste trabalho, que se configurou a partir da perspectiva de leitura escolhida em relação aos textos do *corpus*, a saber, a das recordações entre caminhadas com os amigos pelo subúrbio portenho, é a de que Borges, ao transitar por esses espaços, procura recuperar lembranças, procura deter-se no ato de recordar – as caminhadas por espaços geográficos específicos suscitam recordações –, o que permite que ele vivencie uma experiência plena, no sentido benjaminiano do termo.⁴

No início do século XX, Buenos Aires ganhava ares de cidade cosmopolita. O subúrbio abrangia os bairros distantes e pobres, que faziam divisa com a planície que contornava a cidade. O subúrbio das primeiras décadas do século XX constituía-se no espaço ambíguo em que conviviam tradição e modernidade, no “lugar indefinido entre a planície e as últimas casas, ao qual se chegava a partir de uma cidade ainda pontilhada de pátios e terrenos baldios” (SARLO, 2008, p. 23). Sendo o espaço de convívio entre tradição e modernidade, conservava as memórias do passado, era o lugar propício para entregar-se ao ato de recordar:

Para todo portenho, Buenos Aires, ao cabo dos anos, se converteu em uma espécie de mapa secreto de memórias, de encontros, de adeuses, possivelmente de agonias e humilhações, e temos assim duas cidades: uma, a

³ *Esquecer para lembrar* é o título de um dos livros de Carlos Drummond de Andrade que compõem a trilogia *Boitempo*, constituída de *Boitempo* (1968), *Menino antigo* (1973) e *Esquecer para lembrar* (1979). Este último reúne quase duzentos poemas, cujos temas remetem à infância e à juventude do poeta itabirano.

⁴ De acordo com Walter Benjamin, a experiência plena diz respeito ao vivido que pode ser recordado e recontado, ao que é memorável, portanto. Benjamin contrapõe a experiência plena, “Erfahrung”, à experiência rasa, “Erlebnis”. A primeira é a experiência autêntica, tem um valor de permanência, atemporal. O que é resgatado pela memória é algo que permaneceu e pode ser recontado. A segunda é efêmera, dissipa-se no tempo porque não pode tornar-se história, o que equivale dizer que tem apenas valor momentâneo.

cidade pública que registram os cartógrafos, e outra, a íntima e secreta cidade de nossas biografias.⁵ (BORGES, 2007b, p. 25-26).

Não importa para o presente trabalho o *que* se recorda, e sim a atenção que Borges dá ao ato de recordar. O objeto da recordação pode ser a abundância de um poente ou um determinado amanhecer. Borges não recorda, no decorrer de suas caminhadas, acontecimentos pessoais, mas sim determinadas cenas, determinadas paisagens do subúrbio, como se observa no poema “Noite de São João”:

O poente inacabável em esplendores
quebrou a fio de espada as distâncias.
Suave como um salgueiral está a noite.
Vermelhas crepitam
as cálidas guitarras das fogueiras repentinas
lenha sacrificada
que sangra em briosa labareda
bandeira viva em ágil travessura.
A sombra é suave como uma distância
Bem recordam as ruas
que foram campo um dia.
Toda santa noite a solidão orando
o rosário disperso de astros espalhados.⁶
(BORGES, 2007a, p. 187)

É como se esse subúrbio imaginado por Borges, ou inventado por ele,⁷ estivesse atuando por trás de suas recordações. Enquanto caminha, Borges olha para o passado; procura

⁵ “Para todo porteño, Buenos Aires, al cabo de los años, se ha convertido en una especie de mapa secreto de memorias, de encuentros, de adioses, acaso de agonías y humillaciones, y tenemos así dos ciudades: una, la ciudad pública que registran los cartógrafos, y otra, la íntima y secreta ciudad de nuestras biografias.”

⁶ “El poniente implacable en esplendores / quebró a filo de espada las distancias. / Suave como un sauzal está la noche. / Rojas chisporrotean / las cálidas guitarras de las brucas hogueras / leña sacrificada / que se desangra en briosa llamarada / bandera viva en ágil travessura. / La sombra es apacible como una lejanía / Bien recuerdan las calles / que fueron campo un día. / Toda la santa noche la soledad rezando / el rosario disperso de astros desparramados.”

⁷ Segundo Sarlo, “Borges libera as *orillas* do estigma social que as identificava. Longe de considerá-las um limite [...], Borges se detém precisamente ali e faz do limite um espaço literário. Nas *orillas*, define um *território original* que lhe permite implantar sua própria diferença em relação ao resto da literatura argentina” (2008, p. 49, grifos da autora). Borges não visa o espaço mais cosmopolita ou o campo, e sim, o espaço que está justamente situado entre ambos: as *orillas*, o arrabalde. Borges procura escrever esse subúrbio, recriando-o poeticamente. O subúrbio que aparece nos escritos de Borges é um espaço com contorno próprio e marcas genuínas.

resgatar lembranças. Encontrar-se diante de determinados espaços geográficos pode suscitar lembranças. Borges se predispõe a lembrar. O ato de caminhar e deter o olhar sobre determinadas paisagens favorece uma experiência de memória.

Para demonstrar que as recordações são elementos recorrentes em determinados textos de Borges, além de o serem nos textos supramencionados, incluí no *corpus* deste trabalho alguns de seus poemas, mais especificamente aqueles escritos durante a primeira década de seu retorno a Buenos Aires depois de uma permanência por cerca de sete anos com a família na Europa. De acordo com a teoria do espaço biográfico de Lejeune, de que trato adiante, a partir de abordagem de Arfuch (2010), para compreender ou conhecer melhor o *eu* biográfico, faz-se necessário um avanço da pesquisa para além das formas canônicas. Escolhi determinados poemas porque retratam o sentimento de nostalgia tantas vezes referido por Borges quando de seu regresso a Buenos Aires, especialmente ao bairro de Palermo. Parto da premissa de que toda a produção de um autor é ou pode ser representativa e significativa para o trabalho de investigação do sujeito biográfico.

Ao longo deste trabalho, procuro apontar passagens nos textos selecionados que tratem do tema das caminhadas de Borges, entre diálogos e recordações, como o fragmento abaixo, retirado do relato de Mastronardi sobre Borges:

Pouco antes do Centenário, criança ainda, [Borges] viu passar a gente do subúrbio por seu bairro, que era o de Palermo, e ali mesmo se interessou pelos livros ingleses que seus antepassados liam. Pois bem: corridos os anos, mostra-se conseqüente com esse passado que alenta em muitas de suas páginas. Em Borges, a recordação é mais forte que o mundo imediato e tangível. [...] Se bem lembramos, nele essa continuidade é decisiva...⁸ (2007, p. 111).

1.1 ESTRUTURA DA PESQUISA

Este trabalho fundamenta-se em quatro textos, o *Ensaio autobiográfico* (2009), de Borges, e outros três relatos **sobre** Borges, escritos por três amigos muito próximos a ele – *Borges*, de Casares (2011), *Borges Buenos Aires*, de Petit de Murat (2011), e *Borges*, de Mastronardi (2007). O tema, da busca por recordações durante caminhadas pelo subúrbio

⁸ “Poco antes del Centenario, niño todavía, vio pasar orilleros por su barrio, que era el de Palermo, y allí mismo se interesó en los libros ingleses que sus antecesores leían. Pues bien: corridos los años, se muestra conseqüente com esse pasado que alienta em muchas de sus páginas. En Borges, el recuerdo es más fuerte que el mundo inmediato y tangible. [...] Si bien todos recordamos, esta continuidad es decisiva en él...”

portenho, que aparece recorrentemente nos textos dos amigos de Borges, também está presente em muitos dos poemas do autor, alguns dos quais são apresentados neste estudo.

Especificamente, aponto revelações e silêncios expressos no *Ensaio autobiográfico*, além de identificar passagens nas quais Borges se refere ao tema da memória, bem como a lembranças ou esquecimentos. Também aponto passagens nos quatro textos em que há menção sobre o ato de recordar, ou que têm relação com as caminhadas de Borges entre recordações, ou ainda, com as reflexões dos autores sobre o papel da memória, sobre o ato de recordar.

Com o intuito de melhor compreender a escolha dos textos utilizados na presente pesquisa, inicialmente apresento o conceito de “espaço biográfico” – com base na abordagem de Arfuch (2010) –, expressão que remete a um conceito originalmente elaborado por Lejeune, o qual representava nova perspectiva nos estudos das *escritas de si* – historicamente baseados nas narrativas biográficas canônicas (autobiografias, biografias, cartas, diários) –, no sentido em que incorporava a esses estudos biográficos a multiplicidade das formas que dizem respeito às narrativas da vida (entrevistas, relatos de vida, e outras). Em seguida, apresento algumas reflexões em torno do gênero autobiográfico.

Partindo do conceito de “espaço biográfico”, que inclui a pluralidade dos discursos que buscam “dizer a vida” na análise do biográfico, procuro situar as formas biográficas utilizadas neste trabalho. Seguindo os preceitos de Arfuch, incluo nas investigações sobre o tema das recordações em Borges não somente as formas canônicas, mas também aquelas que permitem conhecer um pouco mais sobre o *eu* biográfico a partir da perspectiva em questão.

Ainda destaco as especificidades do gênero autobiográfico, já que um dos textos do *corpus* é justamente o *Ensaio autobiográfico* de Borges, e faço considerações a respeito das aproximações ou distanciamentos entre ficção e autobiografia. Nas discussões atuais em torno do assunto, há uma tendência em admitir que os limites entre os dois gêneros sejam bastante tênues.

No caso das autobiografias, existe um consenso no que diz respeito à ideia de que toda autobiografia está sujeita a um processo inerente ao próprio ato de criação literária e, portanto, situa-se numa instância diferente da vida real, embora o autor, quando movido por determinados princípios éticos, procure pautar-se pelo real.

Acrescenta-se a isso o fato de que, mesmo que um autor se proponha a dizer a *verdade*, ele se encontra distante dos acontecimentos aos quais se remete no momento em que escreve. Está sempre interpretando acontecimentos passados. Ricoeur (2007, p. 424-5) expõe

um aporismo inerente às próprias biografias: lutamos para não esquecer e nessa luta para não esquecer lembramos. A simples distância temporal entre o ocorrido e a lembrança já provoca uma distorção.

Outro aspecto que aproxima os gêneros autobiográfico e ficcional diz respeito ao fato de que o autor é obrigado a assumir determinada perspectiva, a *sua* perspectiva, o que impede que o relato se encontre absolutamente isento de elementos fictícios. Segundo Bosi (2003), quando um autor se dispõe a fazer um relato, a contar uma verdade, ele estará falando a *sua verdade*. Em *Teoria da biografia sem fim*, Pena presta esclarecimentos a respeito daquilo que Bourdieu chamou “a ilusão biográfica”:

O relato biográfico, na maioria das vezes, tenta ordenar os acontecimentos de uma vida de forma diacrônica, na ilusão de que eles formem uma narrativa autônoma e estável, ou seja, uma estória com princípio, meio e fim, formando um conjunto coerente. É o que Pierre Bourdieu chama de ilusão biográfica, aquela que trata a história de uma vida como “o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção”. (2004, p. 19).

Para entender como atua a memória trazendo determinadas lembranças e o papel das recordações na experiência, com vistas a dar consistência à minha hipótese de pesquisa e às análises subsequentes, na seção *Bergson e Ricoeur – Um recorte sobre a teoria da memória*, abordo dois textos que tratam da teoria da memória: *A memória, a história, o esquecimento* (2007), de Ricoeur, e *Matéria e memória* (2010), de Bergson. Com base em tais textos, é possível compreender por que o ato de caminhar por determinados espaços geográficos ou deter-se numa conversa com amigos pode fazer emergirem recordações. Busco também, na teoria da psicologia social e mais especificamente em Bosi (2003), a significação do ato de recordar e a importância da memória na experiência. Com base nesses autores, é possível compreender melhor o papel que o ato de recordar representa na perspectiva escolhida para este trabalho.

Na seção *Os amigos*, para melhor compreender os contornos do sujeito autobiográfico, recorro aos três textos sobre Borges supramencionados, com cujos autores este conviveu muito proximamente. A escolha desses três autores fundamenta-se na ideia de que olhares diferentes sobre um mesmo tema tendem a enriquecer uma pesquisa. Lembrando os preceitos de Arfuch sobre o “espaço biográfico”, abordados ao longo deste trabalho, verifica-se a importância do relato de pessoas próximas na busca de pistas que permitam retratar o sujeito autobiográfico de um modo mais nuançado.

Nos relatos de Casares (2011), Petit de Murat (2011) e Mastronardi (2007) há ênfase considerável a respeito do valor que Borges atribuía à amizade, baseada na convivência, na lealdade, no companheirismo, no afeto, e cuja configuração é dada, sobretudo, pelo convívio cotidiano com os amigos, convívio este entremeado por diálogos. As questões metafísicas, filosóficas, literárias, presentes nesses encontros, faziam com que os interlocutores se desligassem do lado prático e utilitário da vida. O olhar, então, voltava-se para passado, para as memórias. Esse cenário de conversas descomprometidas promovia a realização de uma experiência plena.

Com o intuito de estabelecer uma aproximação entre a tríade caminhar, dialogar e recordar, temas presentes em muitos textos **de** e **sobre** Borges, faço também uso de trechos de seus poemas, principalmente os que se referem ao período subsequente ao seu retorno a Buenos Aires, em que ele retrata o subúrbio portenho. Destaco alguns dos fragmentos em que Borges se refere às caminhadas e às recordações, com vistas a evidenciar a presença recorrente do tema em sua obra. Alguns desses poemas foram originalmente publicados no livro *Fervor de Buenos Aires* (1923), sobre a qual Borges afirma:

Tenho a sensação de que todos os meus textos seguintes simplesmente desenvolveram temas apresentados em suas páginas. Sinto que durante toda a minha vida tenho estado reescrevendo esse único livro. (BORGES, 2009, p. 39).

2 O ESPAÇO BIOGRÁFICO

Segundo Arfuch (2010), embora o vocábulo *biográfico* remeta tradicionalmente a formas canônicas – biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências –, na contemporaneidade surgem outras formas que se relacionam ao gênero, as quais guardam características essencialmente autógrafas. São elas: as entrevistas, as conversas, os perfis, os retratos, os testemunhos, as histórias de vida, e outras. Essa profusão de maneiras de dizer a vida ou essa diversificação de formas narrativas faz com que a experiência pessoal ou o relato de vida ganhem importância decisiva a partir da pós-modernidade.⁹ (ARFUCH, 2010, p. 15).

A ânsia em contemplar o vivido, em apreendê-lo, em transformar a vida fragmentada numa unidade de sentido, é característica comum a todas essas narrativas do *eu* e tem relação com a transposição do foco de interesse do coletivo para o individual. Nas palavras de Arfuch:

O que leva repetidamente a recomeçar o relato de uma vida (minucioso, fragmentário, caótico, pouco importa seu modo) diante do próprio desdobramento especular: o relato de todos. O que constitui a ordem do relato – da vida – e sua criação narrativa, esse “passar a limpo” a própria história, que nunca se termina de contar. (2010, p. 16).

No chamado período pós-moderno ocorre um abalo nas certezas universais – ciências, artes, política e filosofia. Consequentemente, o discurso referente às produções, sejam elas artísticas, literárias ou midiáticas, ganha uma conotação subjetiva. O *eu* passa a ocupar o centro do discurso; a atenção recai sobre o indivíduo, sobre a singularidade do ser; o coletivo se dissolve. Surge uma variedade de formas narrativas que, embora possam divergir em muitos outros aspectos, têm em comum o fato de que o vivido passa a ocupar o centro da narrativa. Tal surgimento tem relação – usando uma expressão de Arfuch (2010) – com a *reconfiguração da subjetividade*, a partir da qual ocorre uma transformação na concepção de espaço público e privado. As fronteiras entre ambos se diluem. Consta-se que o espaço biográfico é um espaço da pluralidade, de múltiplas vozes.

A dissociação do sujeito coletivo e a ênfase na individualidade podem ser sintetizadas na sentença: “A vida e a realização pessoal como o maior bem de cada indivíduo” (ARFUCH,

⁹ No século XVIII, segundo Arfuch (2010), com a afirmação do capitalismo e da burguesia, a subjetividade moderna começa a se consolidar por meio daqueles gêneros autógrafos que vão formar o cânone das escritas de vida: confissões, autobiografias, diários íntimos, memórias, correspondências, e outros.

2010, p. 340). Para a autora, a subjetividade muda conforme a época, reconfigurando as formas de *escritas de si*.

Em suas indagações a respeito das formas biográficas, Arfuch retoma o conceito de “espaço biográfico”, proposto por Lejeune (2014) com o intuito de avaliar a interação dessas múltiplas formas em torno da figura do *eu* e extrair suas especificidades. Tal definição visa incorporar ao estudo do biográfico, que antes do período pós-moderno considerava apenas as formas canônicas, outras formas autógrafas. Limitar a análise aos gêneros tradicionalmente autobiográficos é incorrer no risco de deixar de fora outras formas tão relevantes quanto as clássicas no estudo da escrita biográfica, da narrativa centrada no *eu*.

Arfuch (2010) também vai pensar o biográfico a partir da teoria bakhtiniana, que concebe os gêneros discursivos como constitutivamente heterogêneos, além de considerar o *outro* como a figura fundamental de toda interlocução. Coloca-se em perspectiva a alteridade no sentido em que

habilita a ler, na dinâmica funcional do biográfico, em sua insistência e até em sua saturação, a marca da *falta*, esse vazio constitutivo do sujeito que convoca a necessidade de identificação e que encontra, segundo minha hipótese, no *valor biográfico* – outro dos conceitos bakhtinianos – enquanto ordem narrativa e atribuição de sentido à (própria) vida, uma ancoragem sempre renovada. (ARFUCH, p. 29-30, grifos do autor).

Nesse repertório de formas do “espaço biográfico”, a entrevista vem ganhando considerável importância, segundo Arfuch. Ela permite que se esteja frente a frente a alguém que se quer conhecer; um sujeito que se expõe diante de um interlocutor que tem licença para fazer perguntas pessoais. Ele mesmo transmite sua própria palavra, com o tom autêntico do relato, “[...] transformando o velho *modus* socrático num gênero altamente ritualizado da informação [...]” (ARFUCH, 2010, p. 23).

Ao lado da entrevista, outro gênero citado pela autora vem ganhando espaço dentro dos chamados “métodos biográficos”: os relatos de vida. Enquanto a entrevista midiática se ocupa com as vidas públicas, estes se ocupam da vida privada e constituíram-se no interesse das ciências sociais a partir dos primeiros anos do século XX (ARFUCH, 2010, p. 24).

2.1 O AUTOBIOGRÁFICO

Com o intuito de investigar o autobiográfico, Arfuch vai retomar as ideias de Lejeune que, nos seus estudos sobre o gênero, define inicialmente o autobiográfico como a “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 16). Essa definição pressupõe a coincidência entre autor e narrador. Posteriormente, Lejeune constata um problema nela: é inviável fazer a verificação das coincidências entre a vida do autor e a do narrador, mesmo no caso em que há identidade de nomes. Devido à impossibilidade de se verificar a autenticidade do que foi narrado, Lejeune vai propor o conceito de “pacto autobiográfico”, espécie de acordo tácito entre autor e leitor. O leitor, mediante o pacto autobiográfico, admite que a história que está sendo contada coincide com a história da vida do autor. Admite a identidade entre autor e narrador. Admite que autor e narrador sejam a mesma entidade. Trata-se de um pacto de confiança. Fora do pacto autobiográfico, ainda fica a dúvida quanto à fidedignidade do relato.

Starobinski vai contribuir para a discussão sobre a similitude entre narrador e autor: “O valor autorreferencial do estilo remete, pois, ao *momento da escrita*, ao ‘eu’ atual. Essa *autorreferência atual* pode se mostrar um obstáculo para a captação fiel e a reprodução exata dos acontecimentos passados” (*apud* ARFUCH, 2010, p. 53-54, grifos da autora). A partir dessa afirmação, Arfuch vai pensar nos limites entre autobiografia e ficção. Segundo Starobinski (*apud* ARFUCH, 2010, p. 54), mesmo que o autor intencione fazer um relato fidedigno, ele não pode retornar ao momento do vivido. O vivido se dissipou no tempo e não pode ser capturado em sua totalidade. Por esse motivo, o autor pode ter no presente uma impressão outra sobre um evento ocorrido no passado. Ele está escrevendo sobre um fato passado em momento diverso daquele em que este ocorreu. É Bakhtin, segundo Arfuch, quem apresenta uma perspectiva mais radical sobre a questão e vai deslocar o problema da possibilidade de haver coincidência entre sujeito do discurso e autor. Para ele,

o autor é elemento do todo artístico e como tal não pode coincidir dentro desse todo com a personagem, outro elemento seu. A coincidência pessoal “na vida” da pessoa de quem se fala com a pessoa que fala não elimina a diferença entre esses elementos no interior do todo artístico. (BAKHTIN, 2011, p. 139).

O foco não está aqui na possibilidade de captar o real ou na não coincidência entre o sujeito que viveu a história, no momento em que esta se deu, e o sujeito atual, mas sim no fato de que se trata de um sujeito que faz literatura e, nesse aspecto, ele se aproxima de um narrador de ficção. De acordo com Bakhtin:

O valor biográfico pode organizar não só a narração sobre a vida do outro, mas também o vivenciamento da própria vida e a narração sobre a minha própria vida pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida. (2011, p. 139).

Arfuch afirma que, a partir da ideia do “valor biográfico” de Bakhtin, é possível pensar em outras formas para além do “espaço biográfico” que podem significar ou contemplar o vivido, tais como os romances, os periódicos, as revistas, etc. “É a *fábula* da (própria) vida, narrada uma e outra vez, o que constitui em verdade o objeto de toda biografia.” (2010, p. 71, grifos da autora).

Para a autora, levando-se em consideração o ponto de vista de Bakhtin, o foco da análise não deve recair sobre o conteúdo da narrativa ou sobre o grau de fidelidade de reprodução da vida, mas sim na estratégia discursiva, na construção narrativa. O que se faz relevante é “o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história (qual delas) alguém conta de si mesmo ou de *outro eu*” (ARFUCH, 2010, p. 73, grifos da autora).

Avaliando as concepções de sujeito e de identidade, Arfuch (2010, p. 80) conclui que o sujeito é constitutivamente incompleto. Assim, não há uma identidade, mas múltiplas possibilidades de identificação. O autor se reconhece no seu relato, mesmo que temporariamente.

Os gêneros primários são auxiliares na constituição dessa identidade narrativa. Contam-se as experiências cotidianas. O relato do vivido, por mais que se constitua numa “unidade mínima” de sentido, convoca a totalidade da vida. Ele dá unidade à vida e uma impressão de totalidade (ARFUCH, 2010). O relato da vida compreende:

Essa qualidade fulgurante da vivência de convocar num instante a totalidade, de ser unidade mínima e ao mesmo tempo ir “além de si mesma” em direção à *vida em geral* – de iluminar, resgatar, entesourar – é talvez o que faz dela um dos significantes que mais insistem no espaço biográfico e, poderia afirmar, um dos mais valorizados na cultura contemporânea. (ARFUCH, 2010, p. 82).

Um aspecto que se evidencia quando se põem em questão os gêneros biográficos tem relação com os limites entre o público e o privado, que na contemporaneidade não se encontram muito bem delimitados. Público e privado se interpenetram. Com a ascensão da subjetividade, há uma necessidade de exposição. Arfuch faz uma ponderação a partir da ideia de que, se, por um lado, sobressai esse excesso de individualismo, por outro, há uma “busca de novos sentidos na constituição de um nós” (2010, p. 99). Assim,

toda biografia ou relato da experiência é, num ponto, *coletivo*, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade. É essa a qualidade coletiva, como marca impressa na singularidade, que torna relevantes as histórias de vida, tanto nas formas literárias tradicionais quanto nas midiáticas e nas das ciências sociais. (ARFUCH, 2010, p. 100, grifos da autora).

2.2 AUTOBIOGRAFIA X FICÇÃO

Há um relativo consenso entre alguns autores sobre o fato de que tanto autobiografia quanto ficção estão sujeitas aos mesmos procedimentos narrativos. No entanto, espera-se que a autobiografia esteja pautada em fatos que realmente aconteceram, e a ficção, em episódios imaginados, inventados. O biográfico ficaria entre a história e a ficção porque, como obra literária, está sujeito a uma ficcionalização, mesmo que não intencional (ARFUCH, 2010, p. 117-118).

Segundo Benveniste (*apud* ARFUCH, 2010), o caráter testemunhal das formas autobiográficas confere à narrativa uma unificação imaginária da multiplicidade vivencial do eu, “‘visão de si’ que só o sujeito pode dar de si mesmo – independentemente de sua ‘verdade’ referencial” (ARFUCH, 2010, p. 124, grifos da autora).

Outra ideia trazida ao debate por Arfuch (2010, p. 127) é a de que os gêneros autobiográficos são pautados mais na verossimilhança do que na veracidade, devido ao próprio processo de criação inerente ao fazer literário. Em alguns casos, o próprio autor pode intencionalmente querer confundir, inventando traços identitários.

3 UM RECORTE NA TEORIA DA MEMÓRIA: BERGSON E RICOEUR

Segundo Bergson, “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (2010, p. 30). Os estímulos externos que agem sobre os sentidos dos seres humanos contrapõem-se a inúmeros “detalhes de nossa experiência passada”. Sendo assim, as lembranças atuam sobre as percepções reais, modificando-as. Dessas percepções reais apreendem-se apenas alguns signos, “destinados a nos trazerem à memória antigas imagens” (BERGSON, 2010, p. 30).

Por um lado, as nossas percepções estão impregnadas de lembranças e, por outro, a lembrança só ocorre a partir de alguma percepção corpórea (BERGSON, 2010, p. 70). Segundo o autor, pode-se reter o passado de duas formas: sobre mecanismos motores ou sobre lembranças independentes (2010, p. 84). Para exemplificá-las, ele cita a experiência de estudar uma lição. Quando se repete determinada lição, certo número de vezes, ocorre uma progressão gradual a cada etapa, até que se possa conhecê-la de cor. No momento em que a lição se torna conhecida de cor, pode-se dizer que ela já se encontra na lembrança; fixou-se na memória (BERGSON, 2010, p. 85).

Já quando se examina cada fase da lição individualmente,

[c]ada uma das leituras sucessivas volta-me então ao espírito com sua individualidade própria; revejo-a com as circunstâncias que a acompanhavam e que a enquadram ainda; ela se distingue das precedentes e das subsequentes pela própria posição que ocupou no tempo; em suma, cada uma dessas leituras torna a passar diante de mim como um acontecimento determinado de minha história. Dir-se-á ainda que essas imagens são lembranças, que elas se imprimiram em minha memória. Empregam-se as mesmas palavras em ambos os casos. Trata-se efetivamente da mesma coisa? (BERGSON, 2010, p. 86).

No caso da lição aprendida de cor, devido ao esforço de repetição, ela se tornou um hábito. O movimento de repeti-la está automatizado (BERGSON, 2010, p. 86). Já no caso em que se procura recordar do momento de uma dada lição, ela não tem semelhança nenhuma com um hábito. A imagem daquele momento único ficou retida na memória naquele mesmo momento em que se sucedeu, da mesma forma que alguns acontecimentos da vida. Essa é a dita memória verdadeira. Segundo Bergson,

diz respeito a uma intuição do espírito que posso, a meu bel-prazer, alongar ou abreviar; eu lhe atribuo uma duração arbitrária: nada me impede de abarcá-la de uma só vez, como num quadro. Ao contrário, a lembrança da

lição aprendida, mesmo quando me limito a repetir essa lição interiormente, exige um tempo bem determinado, [...] portanto não se trata mais de uma representação, trata-se de uma ação. E, de fato, a lição, uma vez aprendida, não contém nenhuma marca que revele suas origens e a classifique no passado; ela faz parte de meu presente da mesma forma que meu hábito de caminhar ou de escrever; ela é vivida, ela é “agida”, mais que representada. (2010, p. 87-8, grifos do autor).

Quanto aos estímulos, que são reconhecidos pela percepção, Bergson afirma que há um tipo de reconhecimento, o automático, que é exercido sem pensar. Algum objeto atua sobre a percepção, que, por sua vez, *carrega* imagens passadas, mas não se detém nessas imagens. Elas fazem com que nosso corpo, numa análise imediata, escolha a melhor maneira de agir, de acordo com o sucesso ou o fracasso obtido nas experiências passadas. Nesse tipo de reconhecimento, a ação está voltada para um propósito utilitário, em que a memória é “[c]onstantemente inibida pela consciência prática e útil do momento presente, isto é, pelo equilíbrio sensório-motor de um sistema estendido entre a percepção e a ação (BERGSON, 2010, p. 107). Outro tipo de reconhecimento seria “aquele que exige a intervenção regular das lembranças-imagens. O primeiro é um reconhecimento por distração: o segundo [...] é o reconhecimento atento” (BERGSON, 2010, p. 111).

O reconhecimento atento também começa por movimentos. No entanto, enquanto o automático está voltado para os efeitos úteis, o que faz com que se afaste dos objetos percebidos, no reconhecimento atento, os movimentos do corpo “nos *reconduzem* ao objeto para sublinhar seus contornos” (BERGSON, 2010, p. 111, grifos do autor).

A partir de estudo sobre a fenomenologia da memória, Ricoeur identifica dois termos que os gregos usavam quando se referiam à lembrança: *mne me*, que designava a lembrança que vem ao espírito como afecção, e *anamnesis*, aquela que emana de uma vontade do sujeito, geralmente denominada recordação. Segundo Ricoeur, “lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de lembrança” (2007, p. 24).

Há, dessa forma, de acordo com o legado aristotélico (RICOEUR, 2007) duas formas distintas da memória: a lembrança e a recordação. A primeira (*mne me* – evocação simples) surge como afecção (*pathos*): algo é lembrado. Uma lembrança sobrevém de maneira espontânea. Alguém se lembra de ter ouvido, sentido, pensado algo no passado. “É preciso sublinhar que existe memória ‘quando o tempo passa.’” (RICOEUR, 2007, p. 35, grifos do autor). A sensação do tempo vem a partir da distinção entre o antes e o depois: é assim que percebemos a mudança do tempo (RICOEUR, 2007). A segunda forma de memória, a recordação (*anamnesis* – esforço de recordação), vem a partir de um esforço de rememoração,

da vontade de um sujeito numa busca ativa. A lembrança surge quando há uma distância temporal entre o ocorrido e o lembrado. Essa capacidade de buscar uma lembrança é própria do ser humano, podendo ou não ser motivada por necessidade ou hábito. A partir de um ponto inicial percorre-se um trajeto que contém diversos caminhos abertos. “O ponto mais importante é conhecer o tempo.” (ARISTÓTELES *apud* RICOEUR, 2007, p. 38). Essa ideia de Aristóteles reforça a tese de que “a noção de distância temporal é inerente à essência da memória” (RICOEUR, 2007, p. 38). O esforço de recordação é dirigido contra o esquecimento:

É de fato o esforço de recordação que oferece a melhor ocasião de fazer “memória do esquecimento”, para falar por antecipação como Santo Agostinho. A busca da lembrança comprova uma das finalidades principais do ato de memória, a saber, lutar contra o esquecimento, arrancar alguns fragmentos de lembrança à “rapacidade” do tempo (Santo Agostinho *dixit*), ao “sepultamento” no esquecimento. (RICOEUR, 2007, p. 48, grifos do autor).

Se a memória não é considerada inteiramente confiável, é porque ela é o único meio de que se dispõe para significar os eventos passados, os quais se afirma que são lembrados (RICOEUR, 2007, p. 40). Enquanto a evocação seria o aparecimento atual de uma lembrança (espontâneo), a busca seria aquilo que chamamos de recordação e é resultado de um esforço de recordar a coisa passada (RICOEUR, 2007, p. 45).

Casey, a partir de tipologia que considera modos mnemônicos, nomeia vários processos mnemônicos que se relacionam com o corpo, com o espaço, com o horizonte do mundo ou de um mundo (RICOEUR, 2007, p. 57). Em relação à memória corporal, ela pode “ser agida” (memória-hábito) como o ato de dirigir um carro, ou fixar-se a determinado acontecimento do passado (memória-lembrança), como as provações, as doenças, que direcionam a memória corporal para o passado.

Somando-se a isso, as coisas lembradas estão intrinsecamente associadas a lugares específicos. Esses lugares ajudam a relembrar, a lutar contra o esquecimento: “Os lugares ‘permanecem’ como inscrições, monumentos, potencialmente como documentos, enquanto as lembranças transmitidas unicamente pela voz voam, como voam as palavras” (RICOEUR, 2007, p. 58, grifos do autor).

4 OS AMIGOS

4.1 BORGES BUENOS AIRES – ULYSES PETIT DE MURAT

Em seu relato, Petit de Murat (2011), que se refere a Borges como o “*compartidor de versos y de calles*”, descreve o fascínio que o arrabalde exercia sobre o amigo e faz diversas referências às caminhadas de Borges pelos bairros portenhos, como o de Palermo ou Villa Alvear, que suscitam recordações. Caminhadas que, de acordo com o autor, sempre fizeram parte das meditações de Borges. A memória que o subúrbio guarda do passado o inspira a rememorar. Os acontecimentos atuais carregam as marcas dos acontecimentos passados, mas parece que Borges recorda um passado mais imaginado do que vivido.

São muitos os amigos de Borges citados por Petit de Murat. Ele dedica algumas páginas a Macedonio Fernández, “portenho de alma”, e à influência que este exerceu em Borges (2011, p. 57), além de referir-se aos bairros frequentados por eles, como Palermo, Villa Urquiza e Balvanera. Menciona as longas conversas nos cafés: “A Praça Onze com os sábados de Macedonio” (PETIT DE MURAT, 2011, p. 65) ou as inúmeras vezes em que Borges mencionava algo sobre sua cidade, que sempre confirmavam um verso de sua primeira juventude: “As ruas de Buenos Aires são minhas entranhas”¹⁰ (PETIT DE MURAT, 2011, p. 73). Ou ainda, os autores que estiveram próximos à sensibilidade de Borges e que eram admirados por ele, como Alfonso Reyes e Paul Groussac.

Esse amigo deparou-se pela primeira vez com o nome Borges por meio de um artigo deste na revista *Proa*,¹¹ em que Borges aludia a Aristóteles e a Schopenhauer, entre outros (PETIT DE MURAT, 2011, p. 80), afirmando que o *eu* não existia. Os textos do escritor, naquela época desconhecido, e que um dia chegaria a ser o maior entre eles, provocaram estranhamento do próprio Petit de Murat e de outros escritores de seus círculos, porque à época eles não tinham as dúvidas metafísicas que Borges já manifestava.

Quando os dois se conheceram, Borges já estava envolvido com outra revista, a *Martin Fierro* (2011, p. 79), para a qual escreveu poemas e artigos. A revista vanguardista havia sido fundada em 1924, rompendo com a literatura passadista e atacando escritores renomados como Leopoldo Lugones ou o sentimentalismo e os floreios de alguns escritores (PETIT DE MURAT, 2011, p. 85).

¹⁰ “Las calles de Buenos Aires son mi entraña.”

¹¹ Revista sobre arte e literatura, fundada em 1922 por Jorge Luis Borges, Macedonio Fernández e Ricardo Güiraldes.

No decorrer de sua existência, a revista atraiu a participação de muitos letrados, poetas e prosadores de prestígio da época, como Ricardo Güiraldes, Oliverio Girondo, Nicolás Olivari, Raúl Gonzáles Tuñón, Carlos de la Púa ou Carlos Muñoz, Xul Solar, homens que buscavam renovação poética e novas formas de expressão, muitos dos quais vão tornar-se amigos de Borges e ser recorrentemente citados por ele no *Ensaio autobiográfico* (2009). Um deles é Ricardo Güiraldes, cuja morte prematura impacta os martinfierristas: “A morte tem algo de terrivelmente inverossímil para a gente jovem. Custa-nos crer que Ricardo está morto”¹² (PETIT DE MURAT, 2011, p. 98).

O último número de *Martin Fierro*, publicado logo após a morte de Ricardo Güiraldes, citava a “Carta a la defunción de Proa”, que faz referência à amizade: “Somos dez, vinte, trinta crenças na possibilidade da arte e da amizade [...]. Que lindas conquistas as nossas! Porém... há um legítimo direito no mundo: nosso direito de fracassar e andar sós e poder sofrer”¹³ (*apud* PETIT DE MURAT, 2011, p. 99).

O tema da amizade é recorrente no relato de Petit de Murat, como se observa no fragmento seguinte, em que o autor se refere a Borges, evidenciando o valor que este atribuía à amizade: “Amizade, amizades: sol que nunca se pôs no espírito bem portenho, bem argentino de Jorge Luis Borges”¹⁴ (PETIT DE MURAT, 2011, p. 100).

Outro tema referenciado por Petit de Murat diz respeito à relação de Borges com o subúrbio portenho. Para o autor de *Borges Buenos Aires*, uma característica significativa do livro de poemas *Fervor de Buenos Aires* é a linguagem peculiar e subjetiva com que Borges retrata sua cidade, em que ele (o poeta) faz parte daquele espaço que está sendo narrado. Os poemas do livro demonstram a redescoberta e o crescente fascínio de Borges por Buenos Aires, em especial pelo arrabalde. Essas impressões ou lembranças não retratam um fato específico e datado, mas sim lembranças genéricas, como a “clara abundância de um pôr do sol”, “a doçura das chácaras”, “as memórias dos álamos”, as “ruas que recordam que foram campo um dia”, e outras mais. No poema “Minha vida inteira”, Borges toca no tema do amor, das palavras, fala do “supremo espetáculo do mundo à luz do poente”: “Vi um arrabalde

¹² “La muerte tiene algo de repudiablemente inverosímil para la gente joven. Nos cuesta creer que Ricardo ha muerto.”

¹³ “Somos diez, veinte, treinta creencias en la posibilidad del arte y de la amistad [las dos palabras escritas sin la letra final].* ¡Qué lindas tenidas las nuestras! Y sin embargo... Hay un santísimo derecho en el mundo: nuestro derecho de fracasar y andar solos y de poder sufrir”. * Nota do autor.

¹⁴ “Amistad, amistades: sol que nunca se ha puesto en el espíritu bien porteño, bien argentino de Jorge Luis Borges.”

infinito onde se cumpre uma insaciável imortalidade de poentes”¹⁵ (BORGES *apud* MURAT, 2011, p. 109).

Em *Fervor de Buenos Aires*, Borges retrata os bairros do subúrbio portenho, suas ruas, suas esquinas, os armazéns, as casinhas, os poentes. Revê os bairros de sua infância a partir de uma perspectiva de quem esteve fora por alguns anos: “Para Georgie, a cidade está nele como um poema que não se conseguiu deter em palavras, nos diz.”¹⁶ (PETIT DE MURAT, 2011, p. 115).

4.2 BORGES – CARLOS MASTRONARDI

A obra *Borges* parte de apontamentos registrados quase que diariamente “depois da jornada de passeio e diálogo com Borges por ruas e salões portenhos”¹⁷ (MASTRONARDI, 2007, p. 15). Mastronardi ia ao encontro de Borges e os dois caminhavam desde o entardecer até o início da madrugada. Depois, ele registrava as reflexões de Borges diante de certo tema e as atitudes que julgava que merecessem registro, além de algumas frases proferidas. O livro cobre um período que vai de 1926 até meados da década de 1960.

O hábito de caminhar, ou mesmo de voltar a pé para casa, Borges mantinha desde os tempos da juventude, e só vai interrompê-lo por volta dos anos 60, por causa da cegueira. Borges busca o inesperado – o assombro – por todos os caminhos por onde anda. As questões, as reflexões que se fazem presentes em sua obra alentam os seus dias:

Borges mantém ativo o espírito em todas as circunstâncias. Prolonga no plano do diálogo ameno as operações mentais que o levaram a escrever um poema ou a examinar os méritos de um livro. Não é possível assinalar distinções entre seu fazer literário e o tom geral de sua vida.¹⁸ (MASTRONARDI, 2007, p. 41).

Mastronardi evidencia a aptidão de Borges para a amizade, suas concepções estéticas, as influências literárias, como no caso da exercida por Macedonio Fernández e Xul Solar, que se preocupavam com questões metafísicas ou místicas, fomentando em Borges um interesse peculiar (MASTRONARDI, 2007, p. 50). Quanto aos amigos, pelos quais manifestava

¹⁵ “He visto un arrabal infinito donde se cumple una insaciable inmortalidad de ponientes.”

¹⁶ “Para Georgie, la ciudad está en él como un poema que no ha logrado detener en palabras, nos dice.

¹⁷ “después de la jornada de paseo y diálogo con Borges por calles y tertulias porteñas.”

¹⁸ “Borges mantiene activo el espíritu en todas las circunstancias. Prolonga en el plano del diálogo ameno las operaciones mentales que lo llevaron a escribir un poema o a examinar los méritos de un libro. No es dable señalar distingos entre su quehacer literario y el tono general de su vida.”

profunda admiração – como Xul Solar, com sua “conversação plena de acertos”, Macedonio Fernández com seu habitual humor, Nestor Ibarra com seu estilo sutil, entre outros –, são presença constante na vida de Borges.

Sobre a cegueira de Borges, que é brevemente mencionada no *Ensaio autobiográfico* (2009), Mastronardi explica o silêncio do autor: embora ele tenha expressado seus sentimentos em relação à cegueira artisticamente através do “Poema dos dons”, é lacônico quando se refere à doença. Praticamente não fala sobre ela. Tem disposição de enfrentá-la com coragem física e moral porque queixar-se seria degradante (2007, p. 33).

Profundo conhecedor de Borges, Mastronardi toca nos temas que movem as buscas pessoais do autor, como a metafísica:

Quer saber nosso escritor as razões que armam e desarmam o mundo; seu ceticismo não o impede de perguntar pelo plano ou arquétipo que emana do universo. Pede contas dos desígnios que o movem, e aos quais estão subordinadas nossas ações, nossas misteriosas tarefas. Seus questionamentos têm uma evidente natureza ética.¹⁹ (MASTRONARDI, 2007, p. 71).

Mastronardi assinala que, dada a irrealidade do presente, Borges debruça-se com deleite sobre o passado:

Em seu espírito e, conseqüentemente, em sua obra, percebemos a força do passado, o império do tempo, a complacência da relíquia. [...] Em sua Buenos Aires, volta-se periodicamente ao indolente bairro de Palermo porque nele recupera as imagens que alegraram sua infância. Essa mesma vocação retrospectiva, vocação essencialmente poética, o afirma na crença de que todas as empresas e as vicissitudes são boas “para a recordação”. O passado imutável se lhe impõe como uma vaga representação da eternidade.²⁰ (2007, p. 71-72).

¹⁹ “Quiere saber nuestro escritor las razones que arman y desarman el mundo; su escepticismo no le impide preguntar por el plan o el arquetipo de que emana el universo. Pide cuentas de los designios que lo mueven, y a los cuales están subordinadas nuestras acciones, nuestras misteriosas tareas. Su interrogación es de evidente naturaleza ética.”

²⁰ “En su espíritu y, conseqüentemente, en su obra, percibimos la fuerza del pasado, el imperio del tiempo, la complacencia en la reliquia. [...] En su Buenos Aires, vuelve periódicamente al calmoso barrio de Palermo porque en él recupera las imágenes que alegraron su infancia. Esa misma vocación retrospectiva, vocación esencialmente poética, lo afirma en la creencia de que todas las empresas y las vicissitudes son buenas ‘para el recuerdo’. El pasado inmutable se le impone como una vaga representación de la eternidad.”

E reitera:

Toda coisa é para Borges coisa mental. Os dados imediatos da realidade lhe interessam menos que as operações da imaginação e da memória. Sabe que o presente só nos pertence temporariamente, já que nos concede bens inacabados e fugidios, mas também sabe que constitui nossa riqueza futura. Quando foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional disse a seus amigos: “Sim, é bom estar aqui. É bom para a recordação”.²¹ (2007, p. 101).

4.3 BORGES – ADOLFO BIOY CASARES

Casares assim inicia seu relato sobre Borges:

Creio que minha amizade com Borges procede de uma primeira conversação, ocorrida em 1931 ou em 1932, no trajeto entre San Isidro e Buenos Aires. Borges era então um de nossos jovens escritores de maior reputação, eu um rapaz com um livro publicado em segredo.²² (2011, p. 3).

O autor traz em seu livro apontamentos diários, a partir de registros de conversas que teve ao longo do convívio com Borges. Também são mencionadas preocupações manifestadas por Borges, tanto filosóficas quanto metafísicas, as quais transpôs da vida para a literatura. Trocam opiniões sobre literatura. Conversam sobre autores consagrados, como Flaubert, sobre o qual Borges afirma: “Apesar de muito se esforçar para escrever, as frases não lhe saíam bem”²³ (*apud* CASARES, 2011, p. 16). A respeito de Eça de Queiroz, gostariam que houvesse mais livros dele, o qual era superior a seus mestres Flaubert e Anatole France (CASARES, 2011, p. 39). Falam de Proust: “Em Proust sempre há sol, há luz, há matizes, há sentido estético, há alegria de viver”²⁴ (BORGES *apud* CASARES, 2011, p. 40). Fazem – os dois juntos – “listas de personagens verossímeis”: “Como escrevi que os personagens de Hartley

²¹ “Toda cosa es para Borges cosa mental. Los datos inmediatos de la realidad le interesan menos que las operaciones de la imaginación y la memoria. Sabe que el presente sólo nos pertenece a medias, ya que nos depara bienes inacabados y huidizos, pero sabe también que constituye nuestra riqueza futura. Cuando fue nombrado Director de la Biblioteca Nacional dijo a sus amigos: ‘Si, es bueno estar aquí. Es bueno para el recuerdo.’”

²² “Creo que mi amistad con Borges procede de una primera conversación, ocurrida en 1931 o 32, en el trayecto entre San Isidro y Buenos Aires. Borges era entonces uno de nuestros jóvenes escritores de mayor renombre y yo un muchacho con un libro publicado en secreto.”

²³ “A pesar de lo mucho que se esforzaba por escribir, las frases no le salían bien.”

²⁴ “En Proust siempre hay sol, hay luz, hay matices, hay sentido estético, hay alegría de vivir.”

não têm a sólida realidade dos de Balzac (por exemplo), fazemos, eu e Borges, listas de personagens verossímeis”²⁵ (CASARES, 2011, p. 46).

Falam de encontros na casa dos amigos entre conversas sobre literatura. Muitos dos depoimentos feitos por Borges ao longo do convívio com Casares estão registrados nesse livro. São registros datados de conversas em que prevalece o tom bem-humorado, como a que tiveram no dia em que amigos de Borges (entre eles Casares) vão à casa da mãe dele, Leonor Borges, para comemorar o octogésimo aniversário dela. Num determinado momento, um amigo faz um elogio ao atual governo, dizendo que pela primeira vez os jovens haviam sido chamados a governar. Borges retruca: “Não me parece acertado elogiar os jovens contra os velhos em casa de uma pessoa que completou oitenta anos”²⁶ (CASARES, 2011, p. 49). Sobre as biografias, diz Borges: “Que verdade o que disse Mark Twain: ‘Ninguém pode comunicar a verdade sobre si, nem tampouco ocultá-la’”²⁷ (*apud* CASARES, 2011, p. 104).

Em seu relato, o autor descreve inúmeras conversas entre ambos, ao caminharem pelas ruas de Buenos Aires: “Daquela época [entre os anos de 1931 e 1946] me ficou uma vaga lembrança de caminhadas entre casinhas de bairros de Buenos Aires ou entre quintas de Adrogué e de intermináveis, exaltadas conversas sobre livros e argumentos de livros”²⁸ (CASARES, 2011, p. 3).

Trabalharam em parceria, produziram contos policiais e fantásticos, artigos e prólogos, compilaram antologias. Embora diferentes como escritores, a amizade frutificou pela “compartilhada paixão” pelos livros (CASARES, 2011, p. 4). Passavam as tardes e as noites conversando sobre vários autores, como Johnson, De Quincey, Stevenson; sobre literatura fantástica, teoria literária, sobre questões de tradução, de Cervantes, do soneto, do verso livre, da fantasia metafísica de Schopenhauer:

Como evocar o que senti em nossos diálogos de então? Comentados por Borges, os versos, as observações críticas, os episódios novelescos dos livros que eu havia lido apareciam como uma verdade nova e tudo o que não havia

²⁵ “Como escribí que los personajes de Hartley no tienen la sólida realidad de los de Balzac (por ejemplo), hacemos, con Borges, listas de personajes verosímiles.”

²⁶ “No me parece atinado elogiar a los jóvenes contra los viejos en casa de una persona que ha cumplido ochenta años.”

²⁷ “Qué verdad lo que dijo Mark Twain: ‘Nadie puede comunicar la verdad sobre sí, ni tampoco ocultarla.’”

²⁸ “De aquella época me queda un vago recuerdo de caminatas entre casitas de barrios de Buenos Aires o entre quintas de Adrogué y de interminables, exaltadas conversaciones sobre libros y argumentos de libros.”

lido, como um mundo de aventuras, como um sonho deslumbrante que por momentos a vida mesma chega a ser.²⁹ (CASARES, 2011, p. 5).

As recorrentes alusões de Borges às lembranças também estão presentes no relato de Casares: “Talvez a tristeza provenha da consciência do horror da vida, de ter que empreender uma nova jornada. Algo que também entristece é fazer coisas que se sabe que não deixarão nenhuma lembrança”³⁰ (BORGES *apud* CASARES, 2011, p. 124).

A cegueira de Borges é mencionada só de passagem. Quando Borges fala a respeito, fá-lo em tom humorado: “Creio que meu discurso [em homenagem a Kennedy] foi o que caiu melhor: como as pessoas creem que sou cego, comovem-se com qualquer coisa que digo”³¹ (*apud* CASARES, 2011, p. 403).

Numa ocasião, Borges comenta que viagens são eventos que trazem uma série de incômodos, ao que o amigo objeta que são incômodos que se transformam em boas recordações e que não se pode pedir mais nada além de boas recordações. Borges completa: “Está certo. Há que se pedir um bom passado. Não: talvez também se possa aspirar a um bom futuro. O que é impossível é um bom presente. Aquele que pede um bom presente não tem noção da realidade”³² (*apud* CASARES, 2011, p. 531).

²⁹ Como evocar lo que sentí em nuestros diálogos de entonces? Comentados por Borges, los versos, las observaciones críticas, los episodios novelescos de los libros que yo había leído aparecían con una verdad nueva y todo lo que no había leído, como un mundo de aventuras, como el sueño deslumbrante que por momentos la vida misma llega a ser.”

³⁰ “Quizá provenga la tristeza de la conciencia del horror de la vida, de tener que emprender una nueva jornada. Algo que también entristece es hacer cosas que uno sabe que no dejarán ningún recuerdo.”

³¹ “Yo creo que mi discurso fue el que cayó mejor: como la gente cree que soy ciego, se conmueven por cualquier cosa que digo.”

³² “Es cierto. Hay que pedir un buen pasado. Lo único a que puede un hombre aspirar es a un buen pasado. No: quizá también se pueda aspirar a un buen futuro. Lo que es imposible es un buen presente. El que pide un buen presente no tiene noción de la realidad.”

5 ENSAIO AUTOBIOGRÁFICO

“Uma das funções da arte é legar um passado ilusório à memória dos homens.”

Jorge Luis Borges

No *Ensaio autobiográfico*, Borges alude a temas como as memórias de infância, as histórias familiares, a influência primordial que seus amigos literatos exerceram sobre ele e sobre suas escolhas poéticas, a biblioteca do pai, o convívio harmonioso com a família, e outros. O fragmento a seguir evidencia a importância que Borges atribuía à biblioteca do pai: “Se tivesse de indicar o evento principal de minha vida, diria que é a biblioteca de meu pai. Na realidade, creio nunca ter saído dessa biblioteca. É como se ainda a estivesse vendo” (BORGES, 2009, p. 16). Se, de um lado, ele não se lembra dos rostos das pessoas com quem conviveu na época de sua juventude, de outro, tem registrados na memória os mínimos detalhes do aposento:

Ocupava [a biblioteca] todo um aposento, com estantes envidraçadas, e devia conter milhares de volumes. Como era muito míope, esqueci-me da maioria dos rostos dessa época (quando penso em meu avô Acevedo, talvez esteja pensando em sua fotografia), mas ainda lembro com nitidez as gravuras em aço da *Chambers's Encyclopaedia* e da *Britannica*. (BORGES, 2009, p. 16).

O *Ensaio autobiográfico* foi ditado em inglês ao colaborador e tradutor de Jorge Luis Borges, Norman Thomas Di Giovanni, durante o início da década de 1970. Borges assim inicia seu relato:

Não posso precisar se minhas primeiras lembranças remontam à margem oriental ou ocidental do turvo e lento rio da Prata; se vêm de Montevidéu, onde passávamos longas e ociosas férias na chácara de meu tio Francisco Haedo, ou de Buenos Aires. Nasci em 1899 em pleno centro de Buenos Aires, à rua Tucumán, entre a Suipacha e a Esmeralda, numa casa pequena e modesta que pertencia a meus avós maternos. [...] Devemos ter nos mudado logo para o subúrbio de Palermo, porque tenho minhas primeiras lembranças de outra casa com dois pátios, um jardim com um alto moinho de vento e um terreno baldio do outro lado do jardim. Nesses tempos, Palermo – o Palermo onde vivíamos, na Serrano com a Guatemala – era o sórdido arrabalde norte da cidade, e muita gente, para quem era uma vergonha reconhecer que morava ali, dizia de modo ambíguo que vivia lá pela zona norte. Nossa casa era uma das poucas construções de dois andares que havia nessa rua; o restante do bairro era formado por casas térreas e terrenos baldios. Muitas

vezes me referi a essa região como “periferia”. Em Palermo viviam pessoas de famílias decadentes e outras menos recomendáveis. Havia também um Palermo de compadritos,* famosos pelas brigas de faca, mas esse Palermo ainda custaria a despertar minha imaginação, pois fazíamos todo o possível – e com êxito – para ignorá-lo. (BORGES, 2009, p. 9-10).

Esse Palermo a que Borges se refere só despertaria sua imaginação por volta do início da década de 1920. Da infância, Borges traz a lembrança do momento em que notou pela primeira vez o pampa, em 1909, quando descobre “essa distância desmesurada que se chamava ‘o pampa’” (BORGES, 2009, p. 20, grifos do autor).

Em 1914, Borges muda-se com a família para a Europa com o intuito de obterem tratamento para o pai, que começara a perder a visão. Borges e a irmã passam a morar com a avó materna e são matriculados no Colégio de Genebra, fundado por Calvino. Sobre a cidade de Genebra, Borges afirma:

Ainda conheço bem melhor Genebra do que Buenos Aires; e isso se explica porque em Genebra não existem duas esquinas iguais e se aprendem depressa as diferenças. Todos os dias eu caminhava pelas margens desse rio verde e gelado, o Ródano, que atravessa o coração da cidade passando por baixo de sete pontes de aspectos muito diferentes. (BORGES, 2009, p. 25).

Fazendo um relato cronológico, Borges narra fatos da vida familiar, fala sobre a época em que residiu na Europa e foi aluno do Colégio de Genebra. Descreve a experiência precoce que teve com a literatura na Europa, época em que descobriu diversos escritores clássicos e obras canônicas, que exerceram considerável influência sobre o autor. O interesse pela literatura vai fazer com que Borges inicie sozinho o aprendizado da língua alemã para ler *Sartor Resartus (O alfaiate remendado)*, de Thomas Carlyle. Muitas páginas do ensaio são dedicadas a descrições de obras lidas durante o período da juventude, como: os primeiros poemas de Heine, o *Lyrisches Intermezzo* – obra que o fez perceber que poderia ler em alemão sem dicionário: “Logo penetrei a beleza do idioma” –, o *Golem*, de Meyrink, assim como Schopenhauer, Walt Whitman, Dante – “li e reli *A divina comédia* [em italiano] em mais de uma dúzia de edições diferentes” (BORGES, 2009, p. 27).

* O compadrito foi, como escreveu Borges, “o plebeu das cidades e do indefinido arrabalde, assim como o *gaucho* o foi da planície e das coxilhas”. J. L. Borges e Silvina Bullrich, *El compadrito* (Buenos Aires: Compañia General Fabril Editora, 1968), p.11. [N.E.]

Em Genebra, Borges tem o primeiro contato com textos de Walt Whitman:

Tinha consciência, é claro, do absurdo que era ler em alemão um poeta norte-americano, assim encomendei em Londres um exemplar de *Leaves of grass* [Folhas da relva]. Ainda me lembro dele, com aquela capa verde. Durante certo tempo, pensei em Whitman não apenas como um grande poeta, senão como o *único* poeta. (BORGES, 2009, p. 28, grifos do autor).

Em 1919 sua família se muda para a Espanha. É em Sevilha que o seu primeiro poema, “Hino ao mar”, vai ser publicado, sobre o qual Borges afirma: “Fiz o possível para ser Walt Whitman” (BORGES, 2009, p. 31) e completa:

Hoje, custa-me pensar no mar, ou em mim mesmo, com sede de estrelas. Anos mais tarde, ao encontrar a frase de Arnold Bennet “grandiloquente de terceira categoria”, compreendi de imediato a que ele estava se referindo. Mas, quando cheguei a Madri, alguns meses depois, como esse era meu único poema publicado, as pessoas consideravam-me um cantor do mar. (2009, p. 31).

Em Sevilha, Borges aproxima-se do grupo literário formado em torno da revista *Grécia*.³³ Seus integrantes se intitulavam ultraístas, corrente que buscava renovar a literatura; mas sobre o assunto, segundo Borges, nada entendiam (BORGES, 2009, p. 32).

Em Madri, “o grande acontecimento” foi a amizade com Rafael Cansinos-Asséns: “A mim ele deu, sobretudo, o prazer da conversa literária. Também me estimulou a ampliar minhas leituras. Ao escrever, comecei a imitá-lo” (BORGES, 2009, p. 34). Cansinos era leitor voraz: “O mais notável de Cansinos era que vivia exclusivamente para a literatura, sem pensar no dinheiro ou na fama” (BORGES, 2009, p. 32-33). Fora Cansinos que inventara o termo ultraísmo. Tinha ideias de renovar a literatura espanhola, a qual considerava atrasada. Era costume se reunirem aos sábados – todos os sábados – no Café Colonial, num grupo de vinte ou trinta pessoas:

Cansinos propunha um tema: a metáfora, o verso livre, as formas tradicionais da poesia, a poesia narrativa, o adjetivo, o verbo. A seu modo, com uma tranquilidade tão sua, era um ditador, que não permitia alusões hostis a escritores contemporâneos e tentava manter a conversa em nível elevado. (BORGES, 2009, p. 33).

³³ Revista fundada em 1918 em Sevilha e dirigida por Isaac del Vando Villar, que, segundo Borges, fazia com que seus auxiliares escrevessem para ele todo o conteúdo de sua poesia. Um dia, um desses auxiliares disse a Borges: “Estou muito ocupado, Isaac está escrevendo um poema”. (BORGES, 2009, p. 32).

Em fins de março de 1921, Borges e sua família regressam à Argentina. É nesse momento que ele percebe Buenos Aires com “essa peculiar mistura de surpresa e afeto” (BORGES, 2009, p. 37) que inspirou sua primeira publicação: o livro de poemas *Fervor de Buenos Aires*, escrito entre os anos de 1921 e 1922, num tom romântico, segundo Borges, mas num estilo despojado:

[O livro] celebrava os crepúsculos, os lugares solitários e os cantos desconhecidos; aventurava-se na metafísica de Berkeley e na história familiar; registrava os primeiros amores. [...] Receio que o livro fosse um *plum pudding*; continha coisas demais. No entanto, olhando-o em perspectiva, penso que nunca me afastei dele. Tenho a sensação de que todos os meus textos seguintes simplesmente desenvolveram temas apresentados em suas páginas. Sinto que durante toda a minha vida tenho estado reescrevendo esse único livro. (BORGES, 2009, p. 38-39)

No mesmo ano em que começa a se dedicar a *Fervor de Buenos Aires*, em 1921, é fundada a revista *Prisma*, que foi dirigida por ele e teve a duração de dois números apenas. Com o fim da revista, ele e um grupo de amigos fundaram a revista *Proa*, que durou três números. Passados dois anos, em 1924, foi retomada a edição do que seria a segunda versão da *Proa*, que contava com a participação de Borges, Ricardo Güiraldes (escritor de *Dom segundo sombra*) e Pablo Rojas Paz (BORGES, 2009, p. 50-51). A revista teve duração de um ano e meio. Sobre esses tempos, Borges afirma:

Esses anos foram muito felizes porque significaram muitas amizades: Norah Lange, Macedonio, Piñero, meu pai... A sinceridade animava nosso trabalho, e sentíamos que estávamos renovando a prosa e a poesia. [...] O que conseguimos foi bastante ruim, mas nossa camaradagem perdurou. (2009, p. 51).

Além da participação em revistas que buscavam a renovação da linguagem, de 1920 a 1930, Borges dedica-se à escrita de livros de ensaios e de poemas. O terceiro livro de ensaios ganha o segundo Prêmio Municipal (2009, p. 48), que lhe rende um montante de três mil pesos, com o qual pôde arrematar os volumes de segunda mão da 11ª edição da *Encyclopaedia Britannica*, além de conseguir manter-se por um ano. Durante o período, aproveita para escrever um livro “mais extenso com um tema marcadamente argentino” (BORGES, 2009, p. 48). Sua mãe esperava que ele fosse escrever sobre escritores de peso, como Ascasubi, Almafuerte ou Lugones, mas Borges escolhe um poeta popular pouco reconhecido, Evaristo Carriego, que escrevia sobre o arrabalde portenho. Em resposta à

advertência do pai e da mãe, que afirmavam que os poemas de Evaristo não eram bons, Borges disse, certa vez: “Mas era amigo e vizinho nosso” (2009, p. 49).

Para Borges, “Carriego descobrira as possibilidades literárias dos decaídos e miseráveis arrabaldes da cidade – o Palermo de minha infância” (2009, p. 49). Depois de ler e reler um exemplar de Carriego dedicado ao seu pai, Borges escreve um livro intitulado *Evaristo Carriego*, sobre o qual afirma que, de início, pretendia fazer uma simples biografia, mas à medida que o texto ia avançando, passou a interessar-se mais pela “velha Buenos Aires” do que por aquele que dava o título à biografia (BORGES, 2009, p. 49).

Esses primeiros anos após o regresso de Borges a Palermo renderam-lhe amizades que ele vai cultivar por toda a vida. Com os amigos – de profissão e de vida – Borges compartilhava dúvidas metafísicas, filosóficas e literárias. O que aparece em abundância no *Ensaio autobiográfico* são nomes. Nomes de autores que também foram seus amigos. O valor da amizade ganha importância central no relato do autor. Sua carreira literária caminhou lado a lado com a amizade.

Sobre o amigo Macedonio Fernández, Borges afirma que era “homem frágil e cinza”, “extremamente cortês”, que “falava com voz suave” e que fora amigo de seu pai, Jorge Borges. Foi o amigo com quem se encontrava no bar La Perla, na Plaza del Once, e com quem conversava até o amanhecer (BORGES, 2009, p. 41). Nas suas palavras:

Talvez o maior acontecimento da minha volta tenha sido Macedonio Fernández. De todas as pessoas que conheci em minha vida – e conheci alguns homens verdadeiramente excepcionais –, ninguém me deixou uma impressão tão profunda e duradoura como Macedonio. (2009, p. 41).

Borges não acreditava que os textos publicados por Macedonio estivessem à altura do amigo: “Apesar do brilhantismo dele, não creio que Macedonio possa ser encontrado em seus escritos. O verdadeiro Macedonio estava em sua conversação” (BORGES, 2009, p. 43). Outros grandes amigos de Borges foram Xul Solar, que tratava a todos os amigos com reverência, e Ricardo Güiraldes, membro de um grupo literário do qual Borges passa a fazer parte em 1924:

Güiraldes foi muito generoso comigo. Se eu lhe entregava um poema desajeitado, ele adivinhava o que eu estava tentando dizer ou o que minha inexperiência literária me impedira de dizer. Depois comentava o poema com outras pessoas, que se desconcertavam ao não encontrar no texto aquilo que ele via. (BORGES, 2009, p. 52).

Um dos principais acontecimentos da vida de Borges, segundo ele mesmo, foi o início da amizade com Adolfo Bioy Casares, por volta de 1930. Casares contava então 17 anos, e Borges pouco mais de 30:

Ele e eu empreendemos juntos muitas aventuras literárias. Compilamos antologias de poesia argentina, de contos fantásticos e de contos policiais; escrevemos artigos e prefácios; fizemos edições anotadas de Sir Thomas Browne e de Gracián; traduzimos contos de escritores como Beerbohm, Kipling, Wells e Lord Dunsany; fundamos uma revista, *Destiempo*, que durou três números; escrevemos roteiros para cinema, que foram sistematicamente recusados. (BORGES, 2009, p. 64-65).

Borges e Casares escreveram em parceria, o que Borges pensara até então ser tarefa impossível. Alguns desses livros foram assinados com o pseudônimo Honorio Bustos Domecq – dupla identidade que ficou oculta por anos. Domecq era a composição dos sobrenomes de um tataravô de Casares e de um bisavô de Borges –, um dos quais se chama *Crônicas*, de 1967, e contém artigos sobre artistas imaginários. Segundo Borges: “Quanto às *Crônicas de Bustos Domecq*, penso que são melhores que tudo o que publiquei em meu nome e quase tão boas quanto qualquer coisa escrita individualmente por Bioy” (2009, p. 67).

Ainda com relação ao período subsequente ao regresso de Borges a Buenos Aires, há três livros de sua autoria, sobre os quais o autor afirma que gostaria que jamais fossem publicados novamente: *Inquisiciones* (1925), *El tamaño de mi esperanza* (1926) e *El idioma de los argentinos* (1928), obras que só voltariam a ser publicadas postumamente. Embora ele desejasse esquecer que tais livros existiram um dia, não deixa de mencioná-los em seu *Ensaio autobiográfico* (2009), fornecendo detalhes e justificativas a respeito dos motivos do mau êxito das obras:

Peguei o dicionário de argentinismos de Segovia e introduzi tantos termos locais que muitos de meus compatriotas mal conseguiram entender. Como perdi o dicionário, não estou seguro de que eu mesmo possa entender o livro, de modo que o abandonei por estar além de qualquer esperança. (BORGES, 2009, p. 46).

O autor só concordou em publicar suas *Obras completas* pela editora Emecé porque assim poderia suprimir “aqueles livros absurdos” (BORGES, 2009, p. 45). Nem posteriormente o mal-estar se aplacou por completo: “Hoje, já não me sinto culpado por esses excessos; esses livros foram escritos por outra pessoa. Até alguns anos atrás, se o preço não fosse muito alto, eu comprava exemplares e os queimava” (BORGES, 2009, p. 47).

Borges assim resume o que representou para ele o período de 1921 a 1930:

Para resumir esse período da minha vida, sinto-me em total desacordo com o jovem pedante e um tanto dogmático que fui. Os amigos, porém, estão ainda muito presentes e muito próximos. Na verdade, são uma parte indispensável de minha vida. Penso que a amizade é a única paixão que redime os argentinos. (BORGES, 2009, p. 53).

Ao lado dos amigos, os pais de Borges também são personagens recorrentes no *Ensaio autobiográfico*. Seu pai, Jorge Guillermo Borges, “era muito inteligente e, como todos os homens inteligentes, muito bondoso” (BORGES, 2009, p. 13). Leitor assíduo, foi ele quem despertou em Borges o gosto pela poesia e o introduziu na filosofia:

Ele também me deu, sem que eu percebesse, as primeiras lições de filosofia. Quando eu era muito jovem, com a ajuda de um tabuleiro de xadrez, explicou-me o paradoxo de Zenão: Aquiles e a tartaruga, o voo imóvel da flecha, a impossibilidade do movimento. Mais tarde, sem mencionar o nome de Berkeley, fez todo o possível para ensinar-me os rudimentos do idealismo. (BORGES, 2009, p. 13-14).

A mãe, Leonor Acevedo de Borges, também é bastante citada no ensaio: “Acho que herdei de minha mãe a qualidade de pensar o melhor das pessoas e também o forte senso de amizade” (BORGES, 2009, p. 14). No decorrer de sua vida, ela será sua companheira “compreensiva e tolerante” a quem Borges, depois de cego, vai ditar parte dos textos que escreve. Era ela quem o auxiliava respondendo a cartas, lendo para o filho livros inteiros, tomando nota do que ele ditava, acompanhando-o em viagens: “Embora eu nunca tivesse me detido para pensar no assunto, foi ela quem silenciosamente e eficazmente alentou minha carreira literária” (BORGES, 2009, p. 15).

Um tema que é quase silenciado no *Ensaio autobiográfico* é o da cegueira, sobre a qual Borges se refere de forma breve:

Minha cegueira vinha avançando gradativamente desde a infância. Foi como um lento entardecer de verão. Não havia nada de patético nem de dramático nela. A partir de 1927 sofri oito operações nos olhos, mas desde fins da década de 50, quando escrevi o “Poema dos dons”, já estava cego para ler e

escrever. [...] Em meu poema falo da magnífica ironia de Deus, que me deu ao mesmo tempo 800 mil livros e a noite.³⁴ (BORGES, 2009, p. 70).

A cegueira vai influenciar a escolha da métrica utilizada por Borges. Quando perde a visão, ele abandona a composição em versos livres e passa a utilizar a métrica clássica, que vai auxiliá-lo no exercício da composição, no sentido em que facilita a memorização dos versos que não podem mais ser recapitulados por meio da leitura:

Uma consequência importante da cegueira foi meu gradual abandono do verso livre em favor da métrica clássica. Na verdade, a cegueira obrigou-me a escrever novamente poesia. Já que os rascunhos me eram negados, eu devia recorrer à memória. É obviamente mais fácil memorizar o verso que a prosa, e o verso rimado mais que o verso livre. O verso rimado é, pode-se dizer, portátil. Pode-se andar pela rua ou estar no metrô enquanto se compõe e aprimora um soneto, pois a rima e a métrica possuem virtudes mnemônicas. (BORGES, 2009, p. 70).

Se, por um lado, Borges refere-se à cegueira com reserva e em poucas palavras no *Ensaio autobiográfico*, por outro, a importância da amizade é reafirmada a cada página percorrida; está presente do início ao final do relato. Borges conclui o livro reforçando o valor que atribuía à amizade:

Suponho que já escrevi meus melhores livros. Isso me dá uma espécie de tranquila satisfação e serenidade. No entanto, não acho que tenha escrito tudo. De algum modo, sinto a juventude mais próxima de mim hoje do que quando era um homem jovem. Não considero mais a felicidade inatingível, como eu acreditava tempos atrás. Agora sei que pode acontecer a qualquer momento, mas nunca se deve procurá-la. Quanto ao fracasso e à fama, parecem-me totalmente irrelevantes e não me preocupam. Agora o que procuro é a paz, o prazer do pensamento e a amizade. E, ainda que pareça demasiado ambicioso, a sensação de amar e ser amado. (BORGES, 2009, p. 82-83).

³⁴ Ao mencionar a “magnífica ironia de Deus”, Borges faz alusão ao fato de ter sido nomeado diretor da Biblioteca Nacional de Buenos Aires, em 1955.

6 BORGES, OS AMIGOS, AS CAMINHADAS, AS RECORDAÇÕES

“Invenção é o nome reverente que damos a um feliz trabalho combinatório das recordações. Todo romance (para o escritor e para o seu Anjo da Guarda) é autobiográfico. O de Stevenson não menos que o de Proust.”³⁵

Jorge Luis Borges

Não há coincidência absoluta entre a narrativa e a vida do autor. Há sim perspectivas, pontos de vista escolhidos. Segundo Arfuch (2010), ao escrever, o autor configura uma possível identidade. Essa identidade possível que pretendo investigar em Borges é a do sujeito que busca recordar. A do sujeito que caminha por determinados espaços geográficos porque sabe que de suas paisagens emanam recordações de um passado que pertence aos que pertencem a esse espaço.

A partir do conceito de “espaço biográfico” de Lejeune, abordado por Arfuch e apresentado neste trabalho em capítulo anterior, tem-se que em toda produção *de* ou *sobre* um autor encontram-se elementos consideráveis para que se possa conhecer o sujeito biográfico por trás dela.

No caso deste trabalho, pretende-se conhecer o quanto o tema da memória está presente em textos *de* Borges ou *sobre* ele. Como já foi dito, aqui não importa investigar o quão fidedignos são os relatos, nem verificar se o que está escrito nos textos tem relação factual com a vida do autor, mas sim o que eles podem dizer sobre o sujeito biográfico. O quanto ajudam a conhecer esse Borges que busca por recordações, entre caminhadas e conversas com amigos.

Quando Borges volta a viver em Buenos Aires, em 1921, após permanecer alguns anos com a família na Europa, depara-se com uma cidade em pleno processo de transformação. Buenos Aires era então um espaço que se modernizava num ritmo vertiginoso. Nesse novo cenário, o elemento tradicional fincou resistência em alguns espaços do subúrbio e passou a disputar território com o novo. Resistia firmemente nos lugarejos singelos, nas praças, nas ruelas, nos becos, nas casinhas térreas:

Resolvi então cantar essa cidade redescoberta ou, mais modestamente, cantar meu bairro de Palermo, que me foi dado não só no que via e recuperava, mas nos versos de Evaristo Carriego e na memória que extraí entrevistando a

³⁵ Invención es el reverente nombre que damos a un feliz trabajo combinatorio de los recuerdos. Toda novela (para el escritor y para el Ángel de su Guarda) es autobiográfica; la de Stevenson no menos que la de Proust ”

vizinhança. Durante muitos anos me dediquei a essa tarefa literária de fácil aparência e de realização muito difícil. Exaustivamente busquei a definição poética de Buenos Aires; a esses anseios correspondem os livros que se intitulam *Fervor de Buenos Aires*, *Luna de Enfrente*, *Caderno San Martín*. Releio-os agora e em suas páginas não falo das lembranças dos temas que tratam, mas de tal manhã ou de tal entardecer em tal casa de onde os escrevi. Encontro, por outro lado, memórias precisas de Buenos Aires, ao sabor preciso de Buenos Aires, em outras páginas de outros escritores. (BORGES, 2007b, p. 26).³⁶

É a partir desse momento, segundo o próprio Borges, que ele vai olhar de fato para a região em que cresceu e passou a infância e vai reconhecer o seu valor mítico: o subúrbio de Buenos Aires, espaço de contrastes, de recordações. Procurando deslindar cada recanto dessas *orillas*, buscando as lembranças que estas inspiram, Borges caminha cotidianamente por seus bairros na companhia de amigos, em sua grande maioria também literatos:

Tenho tantas lembranças, compartilhamos tantas recordações com Mastronardi: caminhadas pela periferia de Buenos Aires, caminhadas por Saavedra, por La Paternal, por Puente Alsina, onde vimos amanhecer uma manhã.³⁷ (BORGES, 2007b, p. 188).

Durante as caminhadas por espaços geográficos do arrabalde, Borges rememora. Cada canto do subúrbio faz evocar recordações. Cada caminhada pelos bairros do subúrbio restitui algo das lembranças dissipadas. São lembranças de um passado pertencente à história do próprio lugar em que o sujeito transita, mas que também pertencem a esse sujeito que vive ou viveu nesse espaço. De acordo com Bosi “parece que há sempre uma narrativa coletiva privilegiada no interior de um mito ou de uma ideologia” (2003, p. 17). Portanto, há “uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimento, ideias e valores que dão identidade àquela classe” (BOSI, 2003, p. 18). São as memórias que esse espaço abriga que o autor busca recordar em suas caminhadas. Segundo Borges, há que se pertencer ao subúrbio para que se possa senti-lo de maneira intensa; perceber seus traços essenciais:

³⁶ “Resolví entonces cantar esa redescubierta ciudad o, más modestamente, cantar mi barrio de Palermo, que me fue dado no sólo en lo que veía y recuperaba, sino en los versos de Evaristo Carriego y en la interrogada memoria de los vecinos. Durante muchos años me consagré a esa tarea literaria de fácil apariencia y de realización muy difícil. Largamente busqué la definición poética de Buenos Aires; a esos afanes corresponden los libros que se titulan *Fervor de Buenos Aires*, *Luna de enfrente*, *Cuaderno San Martín*. Los releo ahora y en sus páginas no hallo recuerdos de los temas que tratan, sino de tal mañana o de tal atardecer en tal casa donde los escribí. Encuentro, en cambio, memorias precisas de Buenos Aires, el sabor preciso de Buenos Aires, en otras páginas de otros escritores.”

³⁷ “Tengo tantos recuerdos, compartimos tantos recuerdos con Mastronardi: caminatas por las orillas de Buenos Aires, caminatas por Saavedra, por La Paternal, por Puente Alsina, donde vimos amanecer una mañana.”

Em ociosas e longas caminhadas durante o crepúsculo e à noite, andei por todos os bairros de Buenos Aires; suspeito que cada um deles é uma espécie de convênio tácito ou de conspiração amistosa e está vedado a quem não lhe pertence. Cabe, contudo, afirmar a realidade de uma divisão que entrou na fala comum: a que separa o Norte do Sul. As duas [regiões] correspondem a uma nostalgia: o Norte é nossa nostalgia da Europa, o Sul nossa nostalgia do passado. (2007b, p. 28-9).³⁸

O subúrbio dos textos de Borges é o espaço ambíguo entre tradição e modernidade, em que coabitam passado e presente. Andar por ele é deparar-se com essa memória que vive no presente, que faz parte deste. Segundo Bosi, no interior da biografia,

há espaços privilegiados: a casa da infância, os trajetos do bairro, recantos da cidade, lugares inseparáveis dos eventos que neles ocorreram. A cidade possui alguns focos sugestivos que amparam nossa identidade, percepção e memória. (2003, p. 114).

É no momento em que Borges regressa da Europa, que ele volta seu olhar para o espaço onde nasceu:

Para mim foi uma surpresa, depois de ter vivido em tantas cidades europeias – depois de tantas lembranças de Genebra, Zurique, Nîmes, Córdoba e Lisboa –, descobrir que o lugar onde nasci havia se transformado numa cidade muito grande e extensa, quase infinita, povoada de prédios baixos com terraços e que se estendia a oeste na direção do que os geógrafos e literatos chamam o pampa. Aquilo foi mais que uma volta ao lar; foi uma redescoberta. Eu podia ver Buenos Aires de perto e com entusiasmo, porque estivera afastado dela por longo tempo. Se nunca tivesse ido ao estrangeiro, duvido que tivesse podido vê-la com essa peculiar mistura de surpresa e afeto daquele momento. (BORGES, 2009, p. 37).

De acordo com Bosi, “do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade” (2003, p. 16). É tentando recuperar a memória desse subúrbio que Borges vai recriá-lo fazendo uso de uma linguagem própria. O subúrbio dos textos de Borges, e mais especificamente o bairro de Palermo, não se separa do passado bairro, de sua tradição e, segundo Borges, traz as marcas do passado em cada ruela, em cada uma de suas casinhas singelas. Andar pelo subúrbio é deparar-se com essa memória que não se desvincula do

³⁸ “En ociosas y largas caminatas del crepúsculo y de la noche, he andado por todos los barrios de Buenos Aires; sospecho que cada uno es una especie de tácito convenio o de conspiración amistosa y está vedado a quienes no pertenecen a él. Cabe, sin embargo, afirmar la realidad de una división que ha entrado en el habla: la que separa el Norte y el Sur. Las dos corresponden a una nostalgia: el Norte es nuestra nostalgia de Europa, el Sur nuestra nostalgia del pasado.”

presente, que faz parte dele. O subúrbio é presente-passado e, portanto, ao poeta é necessária a criação de uma linguagem própria, única, para dizê-lo.

Caminhar com amigos pelo subúrbio portenho é uma maneira de buscar as raízes de um espaço que corre o risco de perder seus traços tradicionais porque cresce em ritmo vertiginoso. É uma forma de resistir ao progresso tecnológico que aniquila os elementos tradicionais: “Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção ‘é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais’” (BOSI, 2003, p. 20, grifos da autora).

Quando Borges caminha pelos bairros do subúrbio, e dedica-se à conversa descomprometida com os amigos, fica mais suscetível a resgatar lembranças, pois ele não está voltado ao propósito das ações utilitárias, como o já havíamos adiantado; sua atenção volta-se para a paisagem na qual se encontra. Observar as paisagens também contribui para voltar-se para essas memórias: “Existe, dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo. Aparece com clareza nas biografias; tal como nas paisagens, há marcos no espaço onde os valores se adensam” (BOSI, 2003, p. 23-24).

Borges, ao caminhar com os amigos, desfruta de uma experiência plena de convívio. Imerso na paisagem, resgata a memória do passado que esta guarda. Circulando por ruas do subúrbio portenho, ele volta sua atenção para objetivos não pragmáticos e, assim, entrega-se à rememoração. Segundo Bergson,

[p]ara evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez apenas o homem seja capaz de um esforço desse tipo. Também o passado que remontamos desse modo é escorregadio, sempre a ponto de nos escapar, como se essa memória regressiva fosse contrariada pela outra memória, mais natural, cujo movimento para diante nos leva a agir e viver. (2010, p. 90).

As conversas com os amigos ou as caminhadas são um estímulo para recordar. Elas estão entremeadas de recordações. Porque enquanto caminha, Borges se coloca num estado de atenção, que faz emergir recordações. Sua atenção, voltada para o passado, aprofunda sua relação com o espaço em que se encontra. Muitos dos poemas de Borges, em especial os que se referem ao bairro de Palermo, como “Arrabalde”, mencionam lembranças:

O arrabalde é o reflexo
Da fadiga do viajante.

Meus passos hesitaram
Quando iam pisar o horizonte
E quedei entre as casas
Medrosas e humilhadas
Ajuizadas como ovelhas em manadas
Encarceradas em quarteirões
Diferentes e iguais
Como se fossem todas elas
Amontoados de lembranças embaralhadas
De um só quarteirão.
A graminha precária
Desesperadamente esperançosa
Maculava as pedras da rua
E meus olhos constataram
Gesticulador e vão
O cartaz do poente
Em seu fracasso cotidiano.
E senti *Buenos Aires*
E escrevi no fundo da alma
A via crúcis imóvel
Da rua sofrida
E do casario sossegado.³⁹
(BORGES, 2007a, p. 122)

De acordo com Bosi (2003, p. 53), “a memória é um trabalho sobre o tempo”. Na abordagem não reducionista de Bergson sobre a memória, que para ele é “a conservação do espírito pelo espírito” (*apud* BOSI, 2003, p. 52), a memória vai reter aquilo que é significativo devido ao fato de que o tempo da vida vai ganhar uma dimensão distinta do

³⁹ “El arrabal es el reflejo / de la fatiga del viandante. / Mis pasos claudicaron / cuando iban a pisar el horizonte / y caí entre las casas / miedosas y humilladas / juiciosas como ovejas en manadas / encarceladas en manzanas / diferentes e iguales / como si fuesen todas ellas / recuerdos superpuestos barajados / de una sola manzana. / El pastito precario / desesperadamente esperanzado / salpicaba las piedras de la calle / y mis miradas constataron / gesticulante y vano / el cartel del poniente / en su fracaso cotidiano. / Y sentí *Buenos Aires* / y literaturicé en el fondo del alma / la viacrucis inmóvil / de la calle sufrida / y el caserío sosegado.”

tempo cronológico. Se a sociedade moderna extirpou do indivíduo o tempo da vivência no sentido pleno, diz Bosi, a memória resgata esse tempo no sentido em que seleciona aquilo que o indivíduo valora. E sendo a apreensão do passado em sua totalidade inviável, o trabalho de rememoração é um trabalho que não cessa: “Existe, dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo. Aparece com clareza nas biografias; tal como nas paisagens, há marcos no espaço onde os valores se adensam” (BOSI, 2003, p. 23-4).

Da mesma maneira, o tempo da memória está condicionado por marcos e pode encurtar ou dilatar-se. Em “O ameaçado”, poema que Jorge Luis Borges compõe para a namorada Maria Kodama, há uma passagem que ilustra o fato de que a percepção do tempo pode variar no decorrer de uma vida: “Estar contigo ou não estar contigo é a medida do meu tempo”. A percepção que se tem do tempo está condicionada à importância que se atribui a um dado evento.

De acordo com os já referidos dizeres de Bergson de que “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças”, nas caminhadas de Borges, em que sua atenção se volta para a paisagem ou para as conversas com os amigos, é como se ele, deixando agir sua percepção, mantendo o espírito vigilante, atento, estivesse criando uma atmosfera propícia às recordações. Fazendo uma leitura de Bergson, Bosi afirma que “o afloramento do passado se combina com o processo corporal e presente da percepção” (2003 p. 36). Nesse sentido, estar imerso na paisagem, entre amigos, cria uma atmosfera própria para recordar, o que se observa em muitos dos poemas de Borges, como neste trecho de “Cidade”:

O ocaso arrasado
que se encolhe atrás dos arrabaldes
é escárnio de sombras precipitadas.
Eu atravesso as ruas desalmado
pela insolência das luzes falsas
e é tua lembrança como uma brasa viva
que nunca solto
ainda que me queime as mãos.⁴⁰
(BORGES, 2007a, p. 202)

⁴⁰ “El ocaso arrasado / que se acurruca tras los arrabales / es escarnio de sombras despeñadas. / Yo atravieso las calles desalmado / por la insolencia de las luces falsas / y es tu recuerdo como un ascua viva / que nunca suelto / aunque me quemara las manos.”

Retomando as distinções entre os dois tipos de memória, de acordo com Bergson, em que a primeira se aproxima de um hábito e a segunda é a dita recordação, temos que a primeira está voltada para a ação prática. É a memória das experiências passadas direcionada para um resultado pragmático. É a memória que faz com que tenhamos reações automáticas visando obter sucesso em determinado feito. A segunda é a recordação verdadeira. Diferentemente da primeira, não está voltada a um fim prático. Tem relação com a busca da própria lembrança. Sendo essas lembranças atividades do espírito, são elas “que constituem autênticas ressurreições do passado” (BOSI, 2003, p. 39).

Jorge Luis Borges se entrega à rememoração, se predispõe à rememoração. As próprias conversas trazem lembranças. Cada pedacinho da cidade guarda um pouco da história, guarda o passado que está no presente, permitindo que Borges faça remissão a algo que se foi, como se observa nos fragmentos extraídos do poema “Villa Urquiza”:

Tratado com amor e rica esperança,
quantas vezes vi morrer suas ruas acidentadas
no Juízo Final de cada tarde!
A frequente assistência de um encanto
imprime em minhas lembranças uma eficácia predileta
esse arrabalde cansado,
e é evocação habitual de minhas horas
em vista de suas ruas,
o horizonte que se aconchega ao longe,
as quintas que interrompem o céu estéril,
a rua Pampa extensa como um beijo,
as cercas que são afronta do campo
e a feliz resignação de uns salgueiros.⁴¹
(BORGES, 2007a, p. 204)

Como dito anteriormente (BERGSON *apud* BOSI, 2003, p. 47), é impossível ao discurso de ideias “expressar a intuição do tempo” mediante seus códigos linguísticos. No

⁴¹ “Atendido de amor y rica esperanza, / cuántas veces he visto morir sus calles agrestes/ en el Juicio Final de cada tarde! / La frecuente asistencia de un encanto / acuña en mi recuerdo una predilecta eficacia / ese arrabalde cansado, / y es habitual evocación de mis horas / la vista de sus calles, / el horizonte que se acurruca en los lejos, / las quintas que interrumpe el cielo baldío, / la calle Pampa larga como un beso, / las alambradas que son afronta del campo / y la dichosa resignación de unos sauces.”

entanto, a rememoração de acontecimentos marcantes de vida remete ao “tempo lembrado que é assim intuído por dentro” (BOSI, 2003, p. 48). Não se trata de uma linguagem referencial, que transmite informações objetivas da realidade. São as imagens da lembrança de um dado fato localizado num momento temporal passado que, emergindo a partir da memória, trazem consigo as marcas temporais que nos apresentam a dimensão daquele tempo passado. É a partir das memórias que temos a percepção do tempo passado, temos a noção da passagem do tempo. O passado se presentifica a partir das lembranças. Borges caminha para recordar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho e de acordo com fragmentos selecionados e retirados de relatos de Casares, Mastronardi, Petit de Murat, do *Ensaio autobiográfico*, assim como de alguns de seus poemas, pode-se perceber a importância que Borges atribui às amizades, às caminhadas e às recordações.

Para que se possa vivenciar o ato de recordar no sentido da pura recordação, aquela a que Bergson (2010) e Ricoeur (2007) se referem como sendo a lembrança verdadeira, deve-se desprender da ação utilitária, deve-se colocar num sentido de atenção que permita desvincular-se da ação presente. Quando estamos voltados exclusivamente para a ação presente, há uma barreira para que esse tipo de memória venha à tona. No entanto, ela “irá recuperar a força de transpor o limiar da consciência” nos momentos em que se desliga da ação utilitária (BERGSON, 2010, p. 180).

Segundo Bergson (2010), o corpo que segue orientado pela ação acaba por limitar a vida do espírito. Quando Borges se propõe a caminhar, entre conversas com amigos, ele se predispõe a determinadas experiências sensoriais, experiências essas que podem fazer emergir lembranças.

Recordar tem relação com uma experiência plena, no sentido em que faz de quem recorda o sujeito de sua própria história. Relacionar-se com o tempo passado é uma maneira de desvincular-se do utilitário. Se o sujeito não pode se relacionar com o tempo passado, não se desvincula da ação utilitária, voltada para o futuro, para um resultado positivo e objetivo.

Nos fragmentos supracitados, não há só recordações objetivas de um fato datado. Borges frequentemente captura um sentimento nostálgico por meio de palavras e não um fato específico. As recordações mencionadas por ele referem-se muitas vezes a acontecimentos imprecisos.

Em sintonia com o *Ensaio autobiográfico* (2009), os três amigos de Borges reiteram o valor que este atribuía à amizade, e referem outro tema do qual Borges nunca se distanciou: as recordações. O tema das recordações foi uma constante nos diálogos de Borges com os amigos, entre caminhadas cotidianas pelas ruas do arrabalde.

Amizades e recordações. Dois temas caros a Borges. Caminhar ao sabor das recordações. Lutar contra os valores meramente utilitários, voltar o espírito e a atenção para o passado, para as memórias. As memórias que Borges resgata provêm de um esforço de

recordação. Não surgem casualmente, já que a rememoração é um trabalho do espírito: origina-se de um ato de vontade.

A experiência no sentido benjaminiano do termo – *Erfahrung* – realiza-se com a rememoração, no sentido em que o indivíduo se desprende da ação presente, do fluxo do automatismo das realizações concretas, voltadas para a vida prática. Ele se volta para o passado, revivendo-o, redimensionando-o, resignificando-o.

As caminhadas, como se pôde perceber ao longo do texto, foram os atos instigadores da rememoração, o que corrobora a hipótese principal desta pesquisa: ao transitar por bairros do subúrbio portenho, Borges procura deter-se no ato de recordar. Elas não visavam ao alcance de um espaço físico específico, mas tinham um fim em si mesmas. Eram as próprias passagens pelos lugares que importavam a Borges. O próprio ato de predispor os sentidos às formas, cores, sons, odores das paisagens auxiliavam Borges nessa busca pelo passado, pelas recordações.

A amizade também é um fator preponderante, tanto na vida quanto na carreira literária de Borges, e também pode ser pensada em termos da relação com essa experiência que visa ao passado. Borges desfruta das amizades, regala-se ao prazer delas, o que também não deixa de ser um ato de desvinculação do lado utilitário da vida. Nesse sentido, as conversas descomprometidas também dispõem o autor para o desfrute da experiência plena. As conversas com amigos e as caminhadas agem no sentido de voltar a atenção para o que não faz parte da vida prática. Borges caminha, entre conversas com amigos, e entra num estado de espírito propício para recordar.

O subúrbio de Buenos Aires é privilegiado nos relatos dos quatro autores abordados no presente trabalho. Os bairros, os recantos, os recônditos portenhos são espaços que remetem a um tempo anterior, a um tempo que despertou a imaginação de Borges. Ele faz os mesmos percursos repetidas vezes como se pretendesse recordar o que ainda não foi recordado. Para conhecer novas facetas das lembranças, esquadrinhá-las ou fazer aflorar outras lembranças.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- BORGES, Jorge Luis. *Textos recobrados (1919-1929)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007a.
- _____. *Textos recobrados (1956-1986)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007b.
- _____. Ciudad. In: *Textos recobrados (1919-1929)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007a, p. 202.
- _____. Arrabal. In: *Textos recobrados (1919-1929)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007a, p. 122.
- _____. Noche de San Juan. In: *Textos recobrados (1919-1929)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007a, p. 187.
- _____. Villa Urquiza. In: *Textos recobrados (1919-1929)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007a, p. 204.
- _____. El Mapa Secreto. In: *Textos recobrados (1956-1986)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007b, p. 25-27.
- _____. El Advenimiento de Buenos Aires. In: *Textos recobrados (1956-1986)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007b, p. 28-30.

_____. Sobre Carlos Mastronardi. In: *Textos recobrados (1956-1986)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007b, p. 186-191.

_____. *Ensaio autobiográfico: (1899-1970)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CASARES, Adolfo Bioy. *Borges*. Barcelona: Backlist, 2011.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MASTRONARDI, Carlos. *Borges*. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 2007.

PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PETIT DE MURAT, Ulyses. *Borges Buenos Aires*. Buenos Aires: Club Burton, 2011.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Ana Cristina dos. Jorge Luis Borges: a escrita como exercício da memória. In: II Congresso de Letras UERJ - São Gonçalo, 2005, Rio de Janeiro. II Anais do CLUERJ - SG. Rio de Janeiro: Botelho Editora, 2005. v. 1. p. 01-14.

Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/mesas/8/anacristinadossantos.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2015.

SARLO, Beatriz. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. São Paulo: Iluminuras, 2008.